



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

DE QUE RIEM OS SURDOS?

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ciências da Educação
- Especialidade Educação Especial -**

Ana Paula Pereira Borges Duarte

2011



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

DE QUE RIEM OS SURDOS?

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ciências da Educação
- Especialidade Educação Especial -**

Ana Paula Pereira Borges Duarte
Sob a orientação de: Professora Doutora Inês Sim-Sim

2011

Agradecimentos

Ao meu pai, ao meu marido e ao meu filho,
homens do Saber...meus acompanhantes.

À Profª Dra. Inês Sim-Sim que, só por acreditar,
iluminou este estudo.

Resumo

Sabe-se que a interacção entre crianças assenta em brincadeiras alegres e sonoras onde o Riso e o Humor próprio daquelas idades, liga incessantemente os jogos, num fio de tempo interminável. Os primeiros momentos de relação entre humanos são auditivos, fazem-se de risos, de vocalizações sem sentido especial, são rudimentos da comunicação que se fundam a partir de elementos básicos. A evolução destas relações sociais com base nas “alegres experiências” de infância tem continuidade no futuro dos indivíduos. O Humor e a sua expressão natural, o Riso, continuará a unir-nos, a ser contagiante, a ser um dos factores de socialização mais importantes ao longo da vida.

Uma criança com surdez congénita vive privada de manifestações relacionais com base no audível, muitas das interacções precoces, mediadas pelo Humor infantil e pelo Riso aglutinador, estarão diminuídas. Cremos que esta privação terá consequências no desenvolvimento da sensibilidade ao Humor e que isso resultará num prejuízo em esferas de aquisição cognitiva relacionadas com a socialização, ou com uma certa inteligibilidade do mundo que se faz nestes territórios.

Quisemos neste estudo saber se as crianças surdas interpretam as situações humorísticas de forma diferente das ouvintes e se perante uma mesma sequência de situações humorísticas, as crianças surdas expressam o seu humor em momentos diferentes dos ouvintes e com reacções diferentes.

Criámos uma situação experimental em que comparámos reacções de crianças ouvintes e de crianças surdas a um mesmo estímulo humorístico procurando inferir diferenças na sensibilidade ao Humor. Os resultados suscitaram reflexões e perguntas novas. Levantam-se questões de ordem sociológica, cultural e pedagógica de difícil contorno e somos alertados para aspectos específicos no ensino e desenvolvimento das crianças surdas, ensaiando-se olhares mais amplos na tela da diversidade.

Palavras-chave: Surdos, Ouvintes, Humor, Riso, Crianças.

Abstract

Interaction among children is based on loud playing and full joy. These moments are never ending pieces of relationship training, with capital importance in human beings development. Early relationships of humans are mostly provided by the hearing channel. Those moments, made up of laughter and “non-word” vocal sounds, are the main blocks, the foundations of late communication. Throughout all our lives, somehow, the evolution of social relationships is attached to the happy moments we share together. Humor and Laughter, are contagious effects, powerful elements of interaction.

A deaf child, away from this entire hearing environment, fails all of the previous interactions mediated by Humor. Part of the sensibility to comic situations and the development of Humor understanding, is perhaps compromised too. A multi-modal sphere of acquisitions is done through Humor explanation, such as some aspects of our culture, history and arts. Those ways are expressions of our common living and shared experiences.

In this study we asked the following questions:

When watching a same sequence of humoristic situations, do a group of deaf children interpret humor differently from a hearing group? Do the deaf children express their humor in the same moments as the hearing children? Do they react the same way?

We built an experimental design to compare the sensibility of two groups of children, the hearing and the deaf, to Humor. Both groups watched the same humoristic stimuli and their reactions were gathered.

In the end, we could not ignore some unexpected results. Reflections and new questions about social interaction, and some other about culture and education became subjects to mind under a different light. Maybe we have to rethink some guide lines on deaf children education. Deaf community suggests there are doors to be opened. The hearing people have the challenge to try a wide look, a comprehensive approach on ethnic diversity. They say.

Key words: Deaf; Hearing; Humor, Laugh, Children.

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract.....	III
Índice	IV
1. Introdução	1
2. Filogénese e ontogénese do Riso.....	5
2.1 Estudo científico do Riso	7
2.2 As correlações culturais do Riso	9
3. A cultura da comunidade surda.....	12
3.1 Característica ou deficiência?	16
3.2 A Língua Gestual.....	18
3.3 Bilinguismo	19
4. Procedimentos metodológicos	24
4.1 Momento experimental.....	26
4.2 Participantes	28
4.3 Instrumentos.....	28
5. Apresentação dos resultados	39
5.1 Momento experimental: Observação dos vídeos pelo grupo de controlo.....	39
5.2 Observação dos vídeos pelo Grupo experimental	45
6. Conclusão.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	61
Anexos.....	64

1. Introdução

O Humor e a sua expressão natural, o Riso, são elementos primitivos que fazem parte da natureza constitutiva da espécie humana. Os etologistas e os especialistas nos estudos ligados ao Riso e ao Humor, alargam esta competência aos primatas superiores, os orangotangos, os gorilas e os chimpanzés. Estas espécies partilham connosco, humanos, 98% do genoma (Ridley, 1999), havendo mais proximidade genética entre um chimpanzé e um humano do que entre um rato e uma ratazana.

Em todas estas variantes de primatas se encontra a expressão do Humor nas brincadeiras entre juvenis ou mesmo entre os adultos. O Riso e a alegria manifestada pelos símios é claramente um meio de desenvolver as relações sociais e de aprofundar o envolvimento dos afectos entre os membros de um determinado grupo. Os jogos, livres e espontâneos, alegres e muito sonorizados com gritos e risos, dão indicações constantes de que a interacção é agradável e desejada. Os adultos distanciados mas vigilantes, monitorizam as vocalizações, tirando do seu timbre informações acerca da qualidade das brincadeiras e, qualquer estranheza num som, qualquer diferença numa modulação vocal, significa uma pronta intervenção adulta, regularizadora. Na natureza selvagem, o Humor e o Riso são sentidos e expressões que orientam as primeiras interacções ajudando na criação de laços e ligações entre os animais que chegam a manter-se para o resto da vida.

Os humanos, que partilham com os animais uma parte importante do seu sistema nervoso, trazem no seu equipamento básico, com o medo, com a agressividade e com o desejo sexual por exemplo, a capacidade de rir e de estar com outros pares da espécie, expressando um Humor mais alto, rindo, estabelecendo proximidade a partir da satisfação física, do bem-estar, da alegria partilhada e conseguida na relação com o outro. São experiências positivas que confirmam a espécie, dando esperança à sua continuidade. O Riso será portanto uma característica evolutiva mantida ao longo dos milénios porque é uma condição adaptativa, que favoreceu a espécie, essencial ao seu sucesso no plano reprodutivo, com efeitos incidentes na esfera da socialização, na criação de laços, na coesão do grupo, na felicidade comum, na alegria expressa que, em tantos momentos viabiliza a vida encorajando os homens.

Veremos, ao longo deste trabalho que o Riso é um atractor de relações e que se torna no espaço acústico, um aviso sonoro de que algo de positivo ocorre num dado lugar, suscitando a curiosidade e a reunião das pessoas.

O Riso é contagiante, de tal modo que um humano ouvindo outro rir, ri também, mesmo que não conheça a situação humorística subjacente.

A audição é o canal de recepção dos sons, que acolhe as modulações de que mais gostamos e que são as da voz humana e, a voz, transporta a fala ou os códigos convencionados numa cultura que determinam o desenvolvimento pessoal e social, em domínios tão variados como a ciência ou a arte. O Riso é uma dessas produções vocais, também da captação auditiva e, sendo um elemento de presença tão precoce no desenvolvimento das relações entre as crianças, sustentando as primeiras interacções em grupo, regulando os primeiros actos de comunicação. o que se passará então quando uma criança não ouve? O Humor é um veículo importante na transmissão de informação, na remotivação de uma narrativa, no interesse de uma descrição ou de uma conversa, tem níveis de elaboração que se prendem com o conhecimento, com o nível cultural ou com a cultura de uma região. Está contido nos currículos escolares ora expresso, ora mais oculto, consta das matérias e é cada vez mais sofisticado à medida que se avança na escolaridade. O Humor aprende-se em sociedade, ninguém ri só, alguns aspectos do Rir dependem da acumulação de informação falada ou sonora que culminam num ponto que desencadeia o Riso, como nas anedotas ou nos filmes cómicos. O que se passará na compreensão e contágio do Humor quando alguém não ouve? Como fazem as crianças surdas perante situações em que a piada decorre do conhecimento de um diálogo prévio entre dois actores? Como partilharão crianças surdas e ouvintes um momento de Humor que é provocado por um ruído ambiente?

Pensámos que estas diferenças na aquisição de informação, e as repercussões que isso pode ter na relação das crianças surdas com o mundo ouvinte podem resultar em prejuízos para o seu desenvolvimento. Assim, procurámos saber com este trabalho se a resposta ao Humor é igual entre surdos e ouvintes e preparámos uma situação experimental que permita responder às seguintes questões essenciais:

As crianças surdas interpretam as situações humorísticas de forma diferente das ouvintes? Perante uma mesma sequência de situações humorísticas, as crianças surdas expressam o seu humor em momentos diferentes dos ouvintes e com reacções diferentes?

O enquadramento desta situação experimental, que mede uma dimensão psicofisiológica de um dado grupo, o dos surdos, implica o conhecimento da importância cultural do Humor na nossa espécie, desde os primórdios até à actualidade, e também o conhecimento político, reivindicativo, que os surdos querem fazer valer socialmente. Há questões culturais, de pendor étnico e jurídico que os surdos querem ver reconhecidos pelos poderes, mudanças de entendimento, direitos e abordagens à sua condição de diferença que querem ver respeitados. Falaremos da Cultura da Comunidade Surda, tendo como referência os seus textos, procurando ouvir, descentrados, os ensejos de um auto-denominado: Povo surdo. Algumas questões são colocadas por nós, outras, as mais fracturantes pelos próprios surdos e pelas suas associações internacionais.

Não sairão do nosso estudo leis universais nem generalizáveis mas sim, interrogações que nos ajudarão a equacionar caminhos para uma melhor educação da criança surda.

Realizámos um estudo exploratório, ajustado aos nossos objectivos, para saber se uma criança surda responde ao humor de forma idêntica a uma criança ouvinte, criando para tal um conjunto de condições experimentais. Na sequência do trabalho realizado verificámos que as crianças surdas do nosso estudo, se comportam de forma muito diferente das crianças ouvintes, quando colocados perante iguais situações de Humor. Os surdos encontram humor em situações que para os ouvintes não são risíveis e riem onde os ouvintes encontram tensão psicológica. De entre outros achados, estes denunciam a possibilidade de haver, entre os dois grupos de crianças, uma interpretação diversa da mesma realidade e, se reflectirmos a esse respeito, suspeitaremos que a cultura ouvinte não serve na totalidade o pleno desenvolvimento de uma criança surda. Pode até originar que as crianças surdas sintam dificuldades de integração numa realidade que não “lêem”, não compreendem e não partilham da mesma forma. No dizer dos surdos trata-se da barreira da Língua.

Há diferenças de significado que consideramos importantes e que devem ser objecto de reflexão, talvez sinal de que no espírito do reconhecimento da diversidade, devamos

proceder à revisão do nosso entendimento acerca dos surdos, ouvir a sua “luta”, sentir as suas razões. Em síntese o Humor e o Riso são universais, porém modelados pelas especificidades de culturas particulares, como é o caso da comunidade surda.

2. Filogénese e ontogénese do Riso

Há muitos escritos acerca do Riso e do Humor. Muitos pensadores, ao longo de milénios, discorreram acerca desta matéria, Aristóteles, Kant, Spencer, Freud, Darwin, Hobbes, são disso exemplo. Fizeram-no em contextos variados, a Filosofia, a Antropologia, a Teologia, a Psicologia e a Filologia. No entanto a simplicidade dos temas, Riso e Humor é enganosa e tem escapado a definições científicas e a apuramentos conceptuais sucessivos.

O sentido de Humor e a sua expressão física, o Riso, está no registo filogenético e ontogenético de todos os primatas. Parece ter um papel importante nos processos de socialização e de coesão dos grupos sociais facilitando o esclarecimento dos lugares no grupo e o grau ou a qualidade da afectividade entre os seus elementos. Na ausência de uma comunicação muito estruturada, entre os símios por exemplo, o Riso, como sinal contrário à animosidade ou à atitude aversiva, tem um papel claro na evidência das expressões e das comunicações com objectivos de vinculação sócio-afectiva.

Há também correlatos neurobiológicos que acompanham o sentido de humor e a sua comunicação à sociedade através do acto de rir. No plano biológico produzem-se substâncias químicas saudáveis, modificam-se padrões fisiológicos de pressão arterial com benefício para o organismo, reduzem-se as concentrações séricas da hormona ansiogénica Cortisol, fortalece-se o sistema imunitário e instala-se uma euforia ligeira que favorece o desejo de contacto social. O sentido de Humor e o Riso, são entendidos como moduladores da interactividade social, capazes de disseminar sinais positivos, entendidos em sociedade como atractores de relação, (Darwin, 1972).

O Humor recria “magicamente” a percepção do controlo e de domínio sobre os acontecimentos e esse estado, relaciona-se inversamente com a tensão psicológica. Sabe-se que um dos papéis mais importantes dos bobos da corte, era o de terem um sentido de humor capaz de contribuir para o alívio de momentos de tensão nos contextos políticos dos reinos. Era o reconhecimento da importância do humor nos contextos relacionais.

Enquanto a expressão da raiva, na natureza, pode deter episódios agressivos com potenciais desfechos fatais, o humor parece ter o propósito de unir em comunidade, favorecendo a aproximação entre as pessoas, contribuindo para fortalecer o tecido social.

estabelecendo atmosferas pacíficas e socializantes, livres de reservas. Gera momentos francos e descontraídos.

O Riso em grupo parece “aquecer” as interacções reais, promovendo a aproximação colectiva através de um destino comum: O escárnio dirigido a um objecto, pessoa ou situação que por alguma razão se torna motivo de riso para todo um grupo.

Com modulação fonética de baixa sofisticação e geralmente com emissão sonora forte e rude, o Riso, tem características contagiantes e difunde aos “quatro-ventos”, num raio apreciável, a presença de um humano “bem disposto”, capaz de produzir generosos efeitos balsâmicos nos seus contactos.

Na ontogénese, o sorriso, sendo um esboço primitivo do Riso, indiciando bom Humor interno, é um dos primeiros sinais volitivos de contacto social do bebé, dando conta de uma certa autonomia e da intenção de fazer contacto, confirmando as relações, com quem é feliz, (Bowlby, 2004).

Os efeitos contagiantes do riso, associam-se a um “cluster” de efeitos sonoros e visuais. Expressões faciais com alterações musculares variáveis ao nível do rosto, na boca, olhos, sobrancelhas, testa, exposição dos dentes, activação das glândulas lacrimais, ruborização e contorções mais ou menos acentuadas do corpo, fazem parte de um compósito visível, que é sinal de expressão inequívoca de bom Humor. Robert Provine, um dos cientistas mais importantes no estudo criterioso do Riso, refere-se ao seu carácter contagioso, evocando na revista *American Scientist* 84, um episódio referencial nestes estudos que é conhecido academicamente como: “Tanganyika Laughter Epidemic”. Este evento, tido como bizarro, registou-se nos E.U.A. em 1962 numa escola pública de Tanganyika, onde entre os adolescentes se desencadeia um fenómeno de riso descontrolado e contagiante que toma proporções dramáticas “infectando” toda a comunidade escolar num movimento de propagação. A situação, insólita mas testemunhada e participada por toda a comunidade escolar, foi grave e num grau de perturbação lectiva tal que forçou o encerramento da unidade escolar. O fenómeno viria a persistir durante seis meses, período em que o funcionamento da escola esteve afectado por episódios contagiantes de riso resistente ao controlo voluntário dos elementos daquela comunidade escolar. Todos conhecemos falhas neste mecanismo de cessação do riso por imposição da vontade...

O fenómeno do Riso, mais os seus efeitos de contágio e propagação, é conhecido dos produtores de séries de televisão, (Provine, 1992). As séries de humor, que contêm pistas sonoras gravadas que pontuam momentos presumivelmente hilariantes com gargalhadas, gravadas, tem como objectivo induzir o Riso, provocando-o por contágio ou simpatia, através dos canais da audição, prevenindo assim debilidades de guião.

O Riso completa-se e aumenta de significado, ganhando em espectacularidade, com a sua componente audível. Vocalizações mais ou menos fortes, de carácter idiossincrático e personalístico, muito contagiante, ocorrem em simultâneo com o que se exhibe fisicamente. Há elementos de entoação, cadências e ritmos que fazem do Rir, ao nível dos humanos, uma produção vocal própria da espécie ocupando um lugar que se mantêm há milhões de anos, certamente por razões imprescindíveis e essenciais de sobrevivência.

2.1 Estudo científico do Riso

Há dificuldades no estudo do Riso que foram vistas na bibliografia para que se reproduzisse neste trabalho, ainda que “à mínima”, uma situação de estudo focada nesse acontecimento. Se quisermos observar o Riso com uma metodologia experimental ou laboratorial muito ensaiada, ele deixará de produzir-se com naturalidade, pondo em causa os resultados apurados. Provine, e outros autores fizeram observações naturalistas em cafés, restaurantes ou em situações públicas com o intuito de medir, encontrar padrões, regularidades, capazes de caracterizar o Riso e o modo como o reconhecemos no âmbito das interacções sociais entre humanos. Fizeram-no durante anos, procurando obter resultados que categorizassem os pormenores do Riso dos humanos, sistematizando todos os seus aspectos.

Sabe-se hoje que há regras que “governam” o Riso, há uma estrutura que o define e torna comum, reconhecível, e, por outro lado, particularidades que o tornam pessoal, como uma assinatura individual. Há Riso normal e Riso patológico. A qualidade do Riso pode expressar doença e até ajudar em procedimentos de diagnóstico, (Black, 1982). Um Riso saudável, dentro de “bons parâmetros” é imediatamente reconhecido tendo efeitos claros, designadamente os de contágio. Ao contrário, um Riso que para um ouvinte não

faz um “match” ajustável aos padrões sonoros que reconhecemos como “bons”, suscita dúvida, curiosidade e desconfiança, não servirá de entreposto relacional nem desencadeará no outro as normais reacções empáticas de proximidade.

Sem sermos exaustivos, pode dizer-se que reconhecemos inconscientemente o intervalo de tempo, em milisegundos, que devem durar as nossas vogais “ha – ha – ha” ou “ho - ho – ho” e o tempo que devem durar os intervalos entre as suas vocalizações. Só aceitaremos um Riso como normal se as suas variações estiverem na primeira ou na última sílaba, por exemplo: “Haaaaaa – ha – ha - ha” ou: “ha – ha – ha – haaaaaa!”. Nunca “ha – **ho** – ha – **ho** –ha....

Espectrogramas sonoros situam o Riso, dito normal, em gráficos, com base em frequências de um determinado valor que oscilam em intervalos fixos, em que a frequência de base é mais aguda para as mulheres e mais grave para os homens. Todos os Risos humanos se produzem dentro de medidas paramétricas fixas. Pequenos desvios podem ter significados diferentes, produzindo efeitos sociais estranhos ou não chegando sequer a ter repercussões sociais de valor relacional, (Provine, 2000).

Os estudiosos nesta área, a do Riso, concordam genericamente na explicação de que a génese do Humor assenta numa teoria tríplice. O Humor e o Riso serão explicados a partir da Teoria da Incongruência, Teoria da Superioridade e Teoria do Alívio.

A primeira, a **Teoria da Incongruência**, sustenta que rimos quando, após termos criado uma dada expectativa, a partir de uma narrativa ou de uma dada leitura da realidade, o seu desfecho é inusitado, diferente daquilo que havíamos previsto, (Veacht, 1998). Esta antecipação tem a forma de um pensamento lógico, interligado com emoções, influenciado pelas nossas experiências anteriores e pelos nossos processos de pensamento. Quando a piada toma uma direcção inesperada, todos os processos de pensamentos sofrem uma revisão repentina. Temos que fazer actualizações que apoiem uma linha de pensamento diferente. Dessa forma experimentamos simultaneamente pensamentos e emoções incompatíveis. Ou seja, experimentamos a incongruência entre as diferentes partes da narrativa.

A **Teoria da Superioridade** defende o surgimento do Humor focado nos erros ou no infortúnio de alguém. Sentimo-nos superiores, num processo de desligamento de uma

dada situação, embaraçosa, podendo rir dela como se nós, por sermos de alguma forma diferentes para melhor, nunca pudéssemos ser protagonistas daquela ocorrência.

A **Teoria do Alívio**, (Rosenberg, 2009), é a que é usada pelos directores de cinema com frequência e que consiste em criar um crescendo de tensão ou *suspense* para depois proceder à sua desconstrução, com um comentário ou resolução que possa aliviar a tensão acumulada e reprimida. O Humor e o Riso revelam-se assim mecanismos libertadores, repondo os parâmetros de equilíbrio emocional, aplanando o estado psicológico do sujeito.

2.2 As correlações culturais do Riso

O Humor está ancorado às culturas e, sendo a cultura um desenvolvimento próprio da vida das diferentes sociedades, há por isso matizes no entendimento e reconhecimento do Humor, que varia caracterizado por essas diferenças. Havendo uma plataforma universal onde todas as culturas se encontram no reconhecimento de um certo Humor, há no entanto particularidades só partilháveis nas vivências próprias de uma região ou povo.

Os autores mais importantes nos estudos acerca do Riso sabem que para além dos contextos sócio-culturais há outro factor de grande determinância para a eliciação do Humor que é a idade. O que as pessoas acham engraçado depende da idade que se tem. As crianças apreciam piadas simples, com situações surpreendentes, por vezes cruéis que as fazem evoluir nos processos de auto-afirmação e de poder sobre o objecto. O “toilet humor”, que remete para as fases de controlo do corpo, fazem também parte do repertório humorístico preferido das crianças. Já na adolescência são as piadas sobre o novo universo da sexualidade que se abre à descoberta, ou o desafio à autoridade, ou das matérias proibidas e das problemáticas da sua transposição em exercícios de rebeldia e de desafio à moral instituída.

À medida que amadurecemos, o nosso corpo físico e a nossa visão do mundo altera-se. Privilegia-se e prefere-se a inteligência, o nosso sentido de Humor torna-se mais desenvolvido à medida que aprendemos mais. Quando somos adultos e já vivenciámos uma parte importante da vida, com tragédias e sucessos, o nosso sentido de

humor refina-se. Rimo-nos das outras pessoas e de nós mesmos ao partilhar dilemas e dificuldades. O Humor adulto é normalmente mais subtil, mais tolerante e menos criterioso a respeito das diferenças das pessoas. O que achamos engraçado de acordo com a nossa idade ou estágio de desenvolvimento mental, parece estar relacionado com os factores de stress ou preocupação deste período da vida. Basicamente, nestas idades rimo-nos do que nos preocupa.

Ninguém ri quando está só. O Riso surge maioritariamente em conversa. Os humanos riem-se em contexto social ou na sua simulação, em contextos ditos pseudo-sociais, que é o que acontece quando estamos sós a ver televisão, situação que tomamos como estando em companhia de alguém...”a televisão é uma companhia” diz-se. Experiências feitas com o “Gás do Riso”, o Óxido Nitroso, substância capaz de produzir efeitos neurológicos desencadeantes do riso compulsivo, revelam que, a administração do gás quando os sujeitos experimentais estão sós, praticamente não tem efeito!

O sentido de Humor apreende-se na situação social e é veiculado, em grande medida, através suportes sonoros geralmente vocalizados. Sons, onomatopeias, entoações, pronúncias, imitações que se vocalizam e todos os produtos cénico-vocais que podem ser usados ao serviço de uma piada. É o Riso portanto um fenómeno geralmente audível, e é nesse canal, o auditivo, que se expressa o seu alcance social útil. Chegando mais longe, será de maior eficácia, do ponto de vista duma “introdução ao contacto social” do que o canal visual. Podemos ouvir uma gargalhada sem conseguirmos ver o seu autor e, ser em nós suscitada a curiosidade em ir ver... quem é que está a rir. Podemos ainda, por contágio, responder rindo, ou sorrindo, tomando quem ri como passível de uma interacção benigna ou, pelo menos, isenta de ameaça.

Os neurologistas concordam na afirmação de que o Riso é uma reacção imediata e involuntária que activa sistemas neurais muito complexos e difíceis de falsificar, com o objectivo de fingir. A expressão do Humor parece ocorrer no sistema límbico, uma região primitiva do nosso cérebro ligada à expressão dos afectos. Por isso, representa "uma comunicação directa entre as pessoas, num registo primitivo em que o intelecto meramente acompanha uma natureza irreprimível, com origem em profundidades límbicas", afirma Provine. Este autor refere que por isso o Riso é um sinal social de honestidade muito potente. É muito difícil simulá-lo. O que conhecemos como “sorriso

amarelo” é a identificação de um riso cuja intenção fundadora não será genuína e, por isso facilmente, identificada socialmente.

De que prescindirão os surdos impossibilitados de receber todo este caudal de informação e todos os efeitos inerentes ao desenvolvimento pessoal a ele associados?

3. A cultura da comunidade surda

Uma intervenção com surdos implica uma prática ética, um exercício de respeito pelo afloramento de uma comunidade que pretende afirmar-se a partir de razões pouco conhecidas, pouco compreendidas entre ouvintes. O nosso estudo, não deve ser escrito sem um preâmbulo que ajude a dar à luz as pretensões dos surdos. É um compromisso mínimo, não requisitado, mas que queremos assumir em jeito de agradecimento e que assenta na compreensão de razões e condições que viemos a conhecer melhor. Fazemo-lo, agora associados aos interesses da comunidade surda, como se fosse em troca do contacto com intenções académicas.

Os surdos reivindicam um estatuto de etnia. Querem ser reconhecidos como um “povo”, uma espécie de nação com língua, história e cultura próprias. Estão nas entidades políticas oficiais da Europa e da América do norte com argumentos válidos e aceites, que já deram lugar à produção de legislação que apoia e defende “jûris et de juri”, as suas pretensões.

A comunidade científica que estuda ou trabalha com Surdos deve conhecer algumas referências e designações fundamentais. A interpretação da cultura ligada à comunidade surda é um elemento indispensável para a obtenção da respeitabilidade necessária a uma atmosfera de investigação de proximidade, como foi o nosso caso. O contacto com os pais das crianças que participaram neste estudo e com as próprias crianças participantes, nunca poderia ser feito ignorando as queixas, os constrangimentos e as necessidades de um grupo social activo e descontente com o seu lugar na sociedade actual. Vítimas de discriminação, objecto de percepções diminutivas e desvalorizadoras, classificados numa perspectiva médica e patológica, os surdos não querem ser o que deles fazem...

Conhecemos ao longo do tempo, na nossa intervenção com surdos, uma crítica, a da expressão da desadequação do sistema à realidade vivencial do surdo. Nas conversas tidas com os pais para a obtenção do consentimento informado, demos conta de angústias e de ideias de incompatibilidade no terreno pedagógico. Algumas das crianças contactam regularmente com outros surdos, alguns tem familiares surdos também, há uma “coisa”

comunitária em alguns deles, um qualquer tipo de familiaridade que pode suscitar interrogações.

A maioria das pessoas que nasceram surdas ou que ficaram surdas com pouca idade e que cresceram em contacto com outros surdos, sempre se sentiram diferentes das pessoas ouvintes, consideram-se pessoas fundamentalmente visuais, com uma língua visual, uma história, uma cultura e uma maneira de ser particular, (Lane, 1995). Estas pessoas tendem a juntar-se, formando a “Comunidade Surda” e a absorver uma cultura própria. Empiricamente, porque não há boa informação na Europa acerca da incidência da surdez na população, estima-se uma prevalência de 1/1000, perfazendo um número de aproximadamente 370 000 pessoas surdas no espaço europeu.

A Federação Mundial de Surdos tem um Manual largamente aceite onde se lêem os rudimentos essenciais para o entendimento da pessoa surda. Destacaremos alguns elementos que nos têm sido essenciais, por serem já muito considerados entre os surdos que conhecemos.

Os surdos vêem-se como uma minoria linguística e cultural, entendem-se uma comunidade: A “Comunidade Surda” que é o grupo de pessoas que partilha os mesmos objectivos e que por diversos meios trabalha para alcançá-los. A Comunidade Surda pode incluir pessoas que não sendo elas próprias surdas, apoiam activamente os objectivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas no sentido de alcançar aqueles objectivos. (Alves, 2001).

Surdo com S maiúsculo refere-se a uma pessoa que na generalidade não ouve e que se identifica com outras pessoas surdas. Usa a língua gestual como meio principal de comunicação. O surdo sem S maiúsculo nasceu surdo, é congénito, pré-lingual e não usa a língua gestual nem se identifica, em plena consciência, com a comunidade surda (Guia Europeu da comunidade surda, U.E, 1997). Há ainda a figura: surdo severo, pessoa que sofreu deterioração progressiva da capacidade auditiva a ponto de vir a sofrer perturbação grave na interacção social e o Ensurdido que ficou surdo após ter aprendido a língua falada. Por fim, a designação “deficiente auditivo” tem um vasto sentido, não é terminologia considerada pelas Federações Internacionais de Surdos.

Há organizações próprias de surdos severos, a Federação Internacional de Surdos Severos e organizações próprias de Surdos com S maiúsculo a Federação Mundial de

Surdos que estabelecem contacto no âmbito da resolução de problemas ligados aos surdos em geral.

Qualquer pessoa destes três grupos: surdos, ensurdecidos ou surdos severos pode pertencer à comunidade surda dependendo do uso da Língua Gestual e da determinação da sua auto-identificação enquanto surdo. Esta identificação como surdo, implica a assunção de uma realidade sociológica – O surdo que não tenta pertencer à comunidade de ouvintes, aceitando a sua condição de surdo e vivendo a partir dela.

Neste texto, não usaremos referenciais maiúsculos de diferenciação, nem outros referentes do grau de surdez, por não haver necessidade de estabelecer essa distinção. Falaremos da comunidade surda e das suas inquietações sociais no que diz respeito ao reconhecimento do seu valor social e, essa categorização genérica será, como veremos, suficiente.

Mudo é um termo sentido como pejorativo porque se refere a uma suposta incapacidade para falar, situação que anatomicamente não se confirma na pessoa surda. O surdo não fala porque não é capaz de controlar a modulação da voz, por falta de ouvido.

A língua gestual é a língua autóctone utilizada pela comunidade surda de um país. Cada país que tem uma comunidade surda tem a sua própria língua gestual desenvolvida espontaneamente no seu seio e possui uma consciência comunitária, a “Deaf Awareness”, Consciência Colectiva da pessoa Surda, que é uma ideologia partilhada pelos membros da comunidade surda, radica na consciência da sua condição de surdo e da compreensão da extensão do seu significado, no orgulho de si próprio enquanto surdo e no orgulho da sua língua e cultura. Esta consciência implica ainda a preparação para apoiar os seus pares na tomada de consciência da sua condição particular.

A língua gestual parece ser o pilar deste movimento de auto determinação impulsionado em 1968, originando uma viragem histórica no entendimento dos surdos. Propôs-se a existência de um grupo social com língua e cultura própria e negou-se a abordagem clínico-patológica, que se transmite acerca dos surdos a toda a comunidade ouvinte, em que o surdo é visto como alguém a quem falta alguma coisa. Esta visão tradicionalista não dá atenção ao facto de que, quando as pessoas surdas formam grupos, os seus membros não sentem deficiência alguma, e as necessidades básicas da interacção

entre indivíduos são satisfeitas como em qualquer outra comunicação entre humanos, num dado plano étnico, por exemplo.

Em localidades com algum confinamento geográfico, como é o caso da pequena ilha americana, Martha's Vineyard, em que se formou uma comunidade com um número de surdos muito superior ao rácio continental, os surdos são percebidos como um grupo que não necessita de qualquer tratamento especial e não são vistos como pessoas com deficiência. (Lane, 1992).

De acordo com os surdos, a desconstrução dos estereótipos inerentes à surdez, passam pela divulgação da ideia de que a surdez não é um problema individual mas sim uma questão social...que deve ser aplanada e tratada como outras questões sociais actuais que reflectem as minorias: o pleno direito das mulheres, dos afro-americanos, dos homossexuais etc.

A comunidade surda entende que a abordagem médica enfatiza como prioridade a “normalização” da pessoa surda, enquanto que a visão mais actual põe a tónica na “aceitação” da condição de surdo como um grupo separado com as suas próprias organizações e tradições. (Padden, Carol, 1980).

Esta abordagem médica tem trazido problemas sérios à avaliação da pessoa surda. Os surdos, tendem a ser objecto de avaliações com resultados diagnósticos que indicam “perturbação mental”, numa taxa 5 vezes superior à prevalência na população ouvinte. Se a equipe que procede à avaliação for multidisciplinar, capaz de usar língua gestual no processo de avaliação, a incidência daquela taxa já se torna idêntica à dos ouvintes. Sabe-se no entanto que, entre os surdos, há mais probabilidade de perturbação de adaptação ou de comportamento, por razões facilmente acessíveis ao senso comum.

Os surdos sustentam que há claramente uma indústria que vive das “construções” sociais em torno da surdez, que as alimenta até, com objectivos comerciais, perpetuando a interpretação da condição dos surdos como deficientes. Especialistas em reabilitação auditiva, psiquiatras, assistentes sociais, especialistas em tecnologias aumentativas de audição, comerciantes nesta área, terapeutas da fala, otologistas, investigadores, editores etc. são alguns dos profissionais directa ou indirectamente ligados à problemática da deficiência auditiva. “A surdez total é uma catástrofe” mantém um otologista francês, encorajando a tomada massiva de atitudes terapêuticas com o objectivo de “normalizar” a

criança surda. (Lane, 1995). Ainda assim as crianças surdas filhas de pais surdos que não procuraram qualquer intervenção terapêutica têm melhores resultados escolares do que as crianças surdas filhas de pais ouvintes que mobilizaram intervenção terapêutica para os seus filhos.

As crianças surdas com implante coclear, são encorajadas por algumas publicações especializadas, a considerar o implante como parte de si, de tal modo que, algumas, desenhando o seu auto-retrato, dão especial evidência ao aparelho, pormenorizando os seus componentes como se fossem órgãos anatómicos sobrevalorizados. Na opinião da comunidade surda, o uso de ajudas electrónicas a que são obrigadas as crianças, promove na escola e na sociedade o papel do surdo como deficiente.

De acordo com os surdos, a criança surda recebe da sociedade actual uma identidade pervertida: Sem outros surdos na família, sem pares surdos na escola, com uma educação que não menciona nunca a história dos surdos, numa comunidade sem surdos adultos, num ambiente sem linguagem de surdos, não é possível construir uma identidade própria de pessoa surda. Nem de pessoa ouvinte... Não será portanto possível fundar uma identidade estável, referencial, baseada numa condição de pertença ou de integridade individual.

3.1 Característica ou deficiência?

As pessoas com deficiência, em geral pretendem que se valorize a sua desvantagem, que é resultado de traumatismos de guerra, pobreza ou doença, ao mesmo tempo que se organizam procurando prevenir a reincidência desses problemas na sociedade. Ao contrário, a comunidade surda, não experimenta esta ambivalência. Os surdos acham que é bom ser surdo e desejam mesmo que a sua comunidade cresça. (Lane, 1995). Os pais surdos que esperam bebé, tal como em qualquer comunidade linguística minoritária, em geral desejam que a descendência seja surda para que possam partilhar a sua linguagem, a sua cultura e as suas experiências. Este é um ponto de vista de difícil compreensão por parte da comunidade ouvinte...

Os surdos não procuram melhores cuidados médicos, nem qualquer vantagem reabilitativa ou assistencial, não reivindicam uma qualquer autonomia especial ou estatuto de independência. Os surdos lutam por interdependência, por uma competente capacidade de socializar, nada mais do que por exemplo os Hispano-Americanos na América, fazendo uso amplo de uma língua, nas escolas, no local de trabalho ou em eventos públicos. O enfoque é colocado na possibilidade de congregar e não na integração. Congregação sim, integração forçada ou inclusão não interessam à comunidade surda.

Responsáveis da comunidade surda americana referem uma alteração histórica de significado, uma mudança no paradigma dominante que desloca o centro do entendimento da pessoa surda da inaptidão para a aptidão, da deficiência para a capacidade de criação de cultura, do grupo silencioso para uma comunidade vibrante, do gesto primitivo à linguagem gestual, da invisibilidade ao reconhecimento dos indivíduos como elementos de valor no seio de uma comunidade multicultural.

Há um momento histórico que é uma evocação inspiradora da mudança para a comunidade de surdos internacional – A Revolução de Gallaudet.

Thomas Gallaudet, americano, nascido em Filadélfia no final do Sec.XVIII contribuiu para o desenvolvimento da língua gestual e fundou uma escola em Washington com o apoio do presidente Lincoln. Essa escola, que inicialmente acolhia 16 alunos surdos, tornou-se uma universidade, a Gallaudet University, que hoje acolhe mais de 1.500 alunos surdos e ouvintes que se distribuem por diversos cursos. No entanto, desde que a universidade passou a acolher também alunos ouvintes que se tornaram uma maioria, embora pouco expressiva, nunca mais a reitoria foi ocupada por um surdo... Em 1988, numa votação final para eleições restavam 3 candidatos: 2 surdos e 1 ouvinte. Ganhou o ouvinte, que sabia pouco de surdos e não conhecia sequer a língua gestual, numa escola fundada com o objectivo ancestral de favorecer o encontro e a socialização dos surdos. Houve uma revolução estudantil protagonizada pelos surdos e foi impugnado o acto eleitoral. Estabeleceram-se pressupostos estatutários que reorientaram a política da instituição no que diz respeito à importância do reitor ser surdo, de dominar a língua gestual e ser capaz de compreender afinal os problemas surdos, acedendo ao interface de comunicação essencial da comunidade. Os surdos comparam esta revolução a outras que

vieram reorientar o pensamento, em que se alteram as velhas categorizações e se criaram outras novas, e em que as pessoas, os artefactos e os acontecimentos intelectuais são redistribuídos com novas interpretações. Trata-se da reconceptualização da pessoa surda (Marchark, 1993).

3.2 A Língua Gestual

As pessoas surdas têm uma identidade comum e querem partilhar vivências e experiências únicas, próprias da sua condição sensorial. A cultura dos surdos floresce através da comunicação numa língua comum que, tal como acontece com as línguas faladas, é o principal meio de transmissão de matérias da cultura. A língua gestual é o instrumento mais importante para a transmissão da cultura dos surdos.

Há uma “literatura” dos Surdos contada na língua gestual do país ou região e que versa sobre a história ou histórias de surdos, lendas, fábulas ou anedotas, poesia, peças de teatro, piadas, rituais, jogos de gestos etc. A literatura dos surdos conta ou reconta a sua experiência, muita dela, de acordo com Lane e Alves, referindo, directa ou indirectamente a opressão infligida por uma comunidade de ouvintes insensíveis à natureza do surdo.

A língua gestual é o veículo de transmissão dos elementos de cultura às gerações seguintes, os surdos querem passar o seu orgulho, a sua sabedoria os seus valores, reforçando laços geracionais. Num certo sentido a literatura gestual é vista como uma tradição oral que apenas pode ser registada em suportes de vídeo ou “traduzida” para a escrita. As publicações de traduções de língua gestual para suportes digitais ou de papel feitas por surdos ou para surdos são relevantes na Cultura dos Surdos. As escolas em regime de internato, as organizações religiosas e as associações e clubes de surdos em toda a Europa são referidos como pólos indispensáveis no apoio e na divulgação desta cultura comunitária desempenhando um papel significativo na vida social e cultural das pessoas surdas. Lane, 1995).

Jacob Rodrigues Pereira, Laurent Clerc e Thomas Gallaudet são figuras da história dos surdos com relevância nos processos de independência da condição social do

surdo, tomadas como referenciais na cultura da comunidade, ligados a instituições com contributos indispensáveis na vida das pessoas surdas.

O encerramento das instituições especializadas é visto com grande preocupação. Os surdos não partilham plenamente a sua identidade com os pais ou com os filhos porque 90% das pessoas surdas nascem em famílias de ouvintes e 90% dos casais de surdos tem filhos ouvintes, há portanto um desencontro sensorial que cria vazios, uma incompletude que só se esbate em comunidade, no contacto com os outros surdos, intermediado a maior parte das vezes pela instituição.

Há outra característica que devemos enunciar, os surdos tendem a fazer casamentos endogâmicos, casam entre si numa taxa estimada que ronda os 90%. Nove em cada dez membros da comunidade surda casam com outros membros do seu grupo cultural (Lisbon Conference, 1997).

As pessoas surdas vêem-se como uma minoria cultural e linguística. Cultural porque fazem parte da comunidade surda e minoria porque vivem na sociedade maioritária das pessoas ouvintes. Os surdos procuram o estatuto oficial de minoria cultural e linguística que lhe permitirá outra atenção por parte dos organismos de governo, criando por exemplo formatos de acessibilidade social não discriminatórios, por exemplo em relação à língua, à sua presença no quotidiano e à sua difusão.

A União Europeia tomou medidas legislativas em 1997 com o objectivo de promover e apoiar a difusão da língua gestual em toda a União promovendo estudos e conferências entre os membros europeus, publicação de boletins informativos destinados ao público em geral esclarecendo acerca da legitimidade das pretensões da comunidade e surda. Foi reconhecida a EUD, União Europeia de Surdos que representa os surdos nas instâncias europeias, estabelecendo o diálogo com o "mundo ouvinte" sob a égide de uma filosofia dual: Emancipação e igualdade de oportunidades, chaves fundamentais para o seu reconhecimento como cidadãos inteiros e de pleno direito.

3.3 Bilinguismo

De acordo com Alves e Ferreira (2001), os surdos referem sempre um momento negro da sua história que remonta a 1880, em que as decisões decorrentes do "fatídico

Congresso Internacional de Milão” resultam na aprovação, pela maioria dos participantes excepto a delegação americana, de uma resolução em que os idiomas gestuais se consideram banidos oficialmente de todas as instituições escolares ou assistenciais. Assim se proclamou, no dizer dos surdos, um golpe cruel com repercussões sombrias na vida das pessoas e na comunidade surda. Saliente-se que, a delegação americana, a única que votou contra a resolução, era também a única que integrava na sua delegação elementos surdos...Esta medida viria a ditar um atraso significativo na evolução e na integração social dos surdos, ainda hoje, mais de cem anos passados, perduram os métodos oralistas que pouco tem contribuído para o pleno desenvolvimento da pessoa surda. (Marschark, 1993).

Os surdos consideram que esta medida, de dominância, centrada na sociedade ouvinte, levou a que nos últimos anos os surdos recebessem instrução num registo oral, de difícil percepção, e que veio a resultar em baixos níveis escolares, formação pouco qualificada, difícil acesso à informação, baixo estatuto socioeconómico entre os surdos, identidade construída sob o enfoque da incapacidade, dificuldades na comunicação com a família com relatos de isolamento psicológico, dificuldade na partilha de problemas, alegrias ou decisões familiares, sentimentos de não-pertença, desvalor, baixa auto-estima.

Fala-se num posicionamento forçado, num lugar fronteiro entre dois mundos, não podendo o surdo assumir-se como surdo, pois não domina a língua gestual, nem sentir-se como pertencente ao mundo ouvinte. É uma condição de crise identitária na perspectiva do surdo.

Estudos recentes, referidos na Conferência de Lisboa em 1997, apontam para a importância do ensino bilingue. Uma instrução básica onde seja ensinada à criança a língua gestual e a língua escrita dos pais, esta última considerada como a segunda língua, resulta num melhor aproveitamento académico. Os surdos compreendem que a sua integração no ensino regular fá-los perder muita da comunicação devido à falta de interpretação em língua gestual. As escolas não estão preparadas com pessoal nem com meios para ensinar com a eficácia necessária as pessoas surdas.

Os surdos tem princípios e pretensões aceites pela União europeia. Destacamos: O direito a usar a sua própria língua, a língua gestual e a aceder à gama completa de informações seja por que meios forem; ter os mesmos direitos e responsabilidades que as

peças ouvintes sendo qualquer discriminação de que sejam alvo considerada uma violação destes direitos; ter direito à auto-determinação, à igualdade de oportunidades e à participação activa na sociedade e o mesmo nível de acesso a uma educação de qualidade; o ambiente circundante deve ser adaptado à pessoa surda e não o contrário; devem derrubar-se as barreiras comunicacionais, introduzindo intérpretes e meios adequados; as necessidades das pessoas surdas devem ser consideradas nas fases iniciais de planeamento de políticas, produtos e serviços, uma boa política para as pessoas surdas é, em geral, uma boa política para todos.

Legislação recente nos Estados Unidos vem introduzir, na maioria dos estados e progredindo para a sua totalidade, a língua gestual nas escolas secundárias e nas universidades com estatuto de língua estrangeira. Criou-se já um pólo de professores especializados munidos de todo o material didáctico indispensável ao ensino da língua. Livros, jornais, artigos científicos e de âmbito geral, conferências e cursos divulgam hoje a estrutura da língua gestual, o seu uso, os dialectos, a história, dando a conhecer os seus registos literários, e a sua poesia. Há surdos adultos, com formação apropriada, empenhados em tarefas pioneiras de sistematizar gramáticas, publicar livros e material mediático de aprendizagem, formam interpretes, desenvolvem materiais que melhoram a eficácia pedagógica, dão apoio ao legislador contribuindo para a alteração da lei e, a pouco e pouco, fazem chegar a um maior número de pessoas os seus desejos de igualdade e auto determinação.

Há, no discurso dos surdos, um sentimento, um desejo, uma retemporização de Martin Luther King: “ Nesse novo mundo, as crianças surdas não receberão uma educação especial mas sim uma preparação bilingue e bicultural...os seus pares e professores vê-los-ão com outra luz e valorizarão a sua diferença, falando não de uma deficiência mas de um dom: o dom de uma linguagem e de uma cultura única, o dom de sermos criaturas visuais. Surgirá então um outro tipo de surdo, com orgulho da sua condição, mais forte, mais educado, portador de contributos originais que ajudarão também a enriquecer as sociedades dos nossos dias.” (Lane, 1997, Conferência de Lisboa).

Esta visão do interior do pensamento dos surdos, da textura das suas reivindicações, pode pôr em causa toda a pertinência dos trabalhos científicos que tenham

como objectivo essencial procurar diferenças, salientar défices, insistir na exposição das assimetrias. A comunidade surda parece não estar interessada em confirmar as consequências de uma diferença sensorial que conhecem muito bem. Uma parte das novidades decorrentes dos estudos que se fazem nesta área, resultam em “descobertas-surpresa”, que só o são, para a comunidade ouvinte...

Em geral, a procura da magnitude das diferenças entre surdos e ouvintes assenta na intenção de esbater dificuldades, tornando mais audível aos surdos o mundo dos ouvintes, teimando em compensar a falta de ouvido ou, até mesmo substituir o ouvido em falta. Esta corrente, curativa ou correctiva, um esforço que acreditamos na maior parte das vezes bem intencionado, está agora em lugar de discussão, em lugar de contradições merecendo outro olhar.

Mas, nem todos os surdos aceitam a sua condição resignadamente, nem todos os surdos querem pertencer à comunidade surda, nem todos os surdos sabem da “Revolução”, todo o sistema educativo, médico-terapêutico e tecnológico manterá a sua marcha, o seu propósito de corrigir a natureza, entendendo o défice auditivo como uma incompetência fatalista e redutora. No entanto, sobrepõe-se agora esse outro paradigma, com um conteúdo elegante, projectado na diversidade, tomando cada vez mais as atenções de uns de outros. Encontramo-nos portanto, no curso de um movimento, num trânsito, no que diz respeito à visão social do surdo.

Gostaríamos que este trabalho fosse da fronteira, da posição já ambígua em que, a confirmação das diferenças também na interpretação do Humor, legitima as razões dos surdos, expondo mais uma particularidade própria das culturas ou etnias independentes, que tem no humor, traços fortes da sua composição identitária. Ao mesmo tempo, enquanto não é universal a filosofia da comunidade surda, importa que o “educador ouvinte” tenha uma certa consciência do provável efeito da sua dominância, que é oriunda da sua condição maioritária, e da sua possível ignorância, em relação aos aspectos mais recônditos ligados ao mundo sensível do surdo. Um movimento que contrarie a visão etnocêntrica com que tendencialmente avaliamos a realidade mais próxima, pode ter que ser pensado quando reflectimos acerca do desempenho cognitivo ou da qualidade das relações sociais que uma criança surda consegue. É neste aspecto que centraremos os nossos esforços: Sabendo já que o Humor, e o modo como lhe reagimos -

o Riso, são importantes elementos no desenvolvimento de relações sociais e de competências cognitivas ligadas à interpretação do mundo, de que modo poderemos atenuar desvantagens se a criança surda não interage com o mesmo índice de aproveitamento que a ouvinte? Poderemos entrever repercussões negativas no processo de desenvolvimento de uma criança que sofre esta diferença? Deveremos conhecer melhor a importância da mediação do Riso e do Humor no desenvolvimento dos humanos para compreender, também, as dificuldades dos surdos? Devemos, em resultado da constatação de desvantagens, reforçar com outro ânimo as razões dos surdos, isto é: exigir, como se de um direito se trate, a introdução da língua gestual e a revisão das estratégias de integração e inclusão? Não estará na natureza diferente de um Humor, não plenamente partilhável entre duas comunidades, o assomo de uma outra cultura de facto, como se passa com a Língua?

Estes são elementos genéricos, interrogações reflexivas que se podem levantar com a interpretação dos objectivos e da especulação que possa ser tirada desta exploração académica.

O procedimento experimental obriga à redução de todas as dúvidas a uma ou duas questões de síntese, uma espécie de compressão para o essencial do estudo; traduzir todas as perguntas a um mínimo económico com o qual se possa trabalhar com mais agilidade.

O experimentador, e mais tarde o crítico, devem poder ter sempre presente, de modo lúcido, no desenrolar do estudo ou na sua leitura a pergunta simples, que possa ser representativa:

As crianças surdas interpretam as situações humorísticas de forma diferente das ouvintes?

4. Procedimentos metodológicos

As questões que se suscitam no final da revisão bibliográfica têm os seus rudimentos interrogativos nas experiências pessoais vividas em trabalho com surdos e ouvintes. Nasceu daí a possibilidade de ser pensado um estudo exploratório onde essas questões gerais se podem condensar numa maior precisão: As crianças surdas interpretam as situações humorísticas de forma diferente das ouvintes? Perante uma mesma sequência de situações humorísticas, as crianças surdas expressam o seu humor em momentos diferentes dos ouvintes e com reacções diferentes?

São estas as questões que nortearam este estudo.

As respostas foram procuradas criando uma situação experimental em que dois grupos de crianças, um de surdos e outro de ouvintes, são sujeitas a um mesmo estímulo visual: Um filme de animação. Todo o procedimento experimental está detalhadamente descrito neste texto em: “Momento experimental”.

Num primeiro momento, neste estudo, falaremos do procedimento, o Momento experimental, dos participantes, dos instrumentos e da preparação do estudo tendo como cenário de fundo toda a revisão bibliográfica efectuada, designadamente os estudos referenciais de outros autores. A segunda fase será a da colecção de dados, de evidências, a partir da observação da situação experimental criada. Um terceiro momento será o da categorização, análise e interpretação do material recolhido tendo em vista as preposições iniciais do estudo.

Este será um estudo baseado numa metodologia qualitativa, uma descrição narrativa com base na observação e no registo de ocorrências provocadas experimentalmente que, quando interpretadas, se podem acrescentar à construção do conhecimento do fenómeno que se pretende estudar. A este nível de trabalho e com os meios que dispomos, não temos a pretensão de postular regras ou 1“dar ao mundo” descobertas surpreendentes acerca do Humor na surdez, ou da certeza da desvantagem vivida pelos surdos se não puderem tomar todas as dimensões perceptivas associadas à produção do Humor. Será objectivo suficiente, o do registo descritivo, criterioso, das

diferenças nas respostas observadas entre dois grupos de crianças, um grupo de surdos e um grupo de ouvintes, expostos a uma situação humorística comum, apresentada nas mesmas condições experimentais.

A interpretação é o método do estudo qualitativo diz Stake (1995). A interpretação directa dos acontecimentos relaciona-se com o exercício de avaliação subjectiva e com a sua síntese fazendo uso de um sentido de consciência sempre sensível aos riscos da investigação em ciências humanas admitindo também a sua desconfirmação técnica em resultado de outros estudos ou críticas.

Como já se disse, este é um exercício de base, que pode levantar questões capazes de despertar raciocínios alternativos e, quem sabe, novas intenções de estudo.

O limite do nosso objectivo estará no levantar questões que, quando interpretadas as diferenças, permitam uma melhor compreensão para a diversidade no âmbito dos processos de desenvolvimento, especulando talvez acerca das repercussões vivenciais que a aquisição incompleta de um recurso ancestral, a expressão do Riso, traz à vida do indivíduo. Se este trabalho se constituísse elemento de curiosidade científica, a ponto de suscitar outro, num contexto experimental mais exigente e ambicioso, teríamos ido além do nosso simples propósito.

De acordo com o que conhecemos em resultado do levantamento do suporte teórico que efectuámos, não encontrámos estudos que possam definir, de forma sistematizada, as diferenças na reacção ao Humor entre surdos e ouvintes. Não encontrámos matéria que interprete as consequências do não ouvir rir. Não sabemos se, por não ouvir, o surdo rirá menos no computo da sua vida, e se, dessa maneira, estará alterada a qualidade da sua existência. Em dias em que o Riso aparece como um elemento “tonificador” do espírito, e que parece contribuir para a secreção de químicos bons, com poderes revigorantes, achámos útil a proposta de encontrar pistas que possam iluminar um pouco o exercício da crítica, permitindo pelo menos a enunciação de questões.

Delineámos uma situação experimental simples, em ambiente escolar, envolvendo dois grupos de crianças, um grupo de ouvintes e um grupo de surdos com idades aproximadas e distribuição de géneros idênticas. Os grupos, visualizaram em separado filmes de animação com características humorísticas. Em contexto de sala de aula, na

decorrência da actividade curricular, procurando eliminar efeitos associados à artificialidade duma situação experimental, tomámos notas, em observação naturalista e registámos a situação experimental.

Foram tomadas medidas éticas respeitantes à obtenção de consentimento informado dando a conhecer aos encarregados de educação a elaboração do estudo, o seu propósito e objectivos. Obteve-se também o consentimento dos órgãos directivos da Escola onde se realizou a situação experimental. Acrescentámos que todos os elementos referentes às crianças seriam tratados com identidade fictícia. Explicaram-se os objectivos científicos do trabalho e as limitações do estudo.

4.1 Momento experimental

Usando a sala de aula habitual preparámos a situação experimental.

Num dos cantos da sala, onde regularmente são exibidos filmes em televisão a pequenos grupos de alunos, dispusemos em frente à televisão, 6 cadeiras pertencentes ao mobiliário escolar, ao lado umas das outras, separadas um palmo entre si. A linha de cadeiras foi posicionada em frente à televisão, à distância a que normalmente são visualizados outros materiais naquele lugar, a 3 metros e meio do ecrã.

Lateralmente, de forma perpendicular à linha de 6 cadeiras foi criada a posição do observador. Esta posição foi determinada de modo a que o observador pudesse vislumbrar a linha de 6 cadeiras à sua esquerda e a televisão à sua direita. Olhando em frente, a partir da sua posição, a “linha do olhar do observador” dividiria ao meio o espaço entre as cadeiras e a televisão.

O aparelho de televisão foi colocado numa posição ligeiramente oblíqua, voltando um pouco o ecrã na direcção do observador de modo a que, a partir do seu lugar, fosse possível acompanhar também as cenas exibidas. Na posição do observador foi colocada para seu uso, uma cadeira e uma secretária pequena que serviu de suporte aos instrumentos usados e à recolha de notas.

Da sua posição o observador podia ver com facilidade e em simultâneo, os alunos sentados na linha de cadeiras à sua esquerda e a peça exibida na televisão, à direita.

Escolheram-se para o estudo da reacção ao Humor, dois filmes humorísticos da “Ovelha Choné” cuja ficha técnica e o argumento se descreve em: *4.3 Instrumentos*. Decidimos usar no estudo dois filmes, da mesma série, procurando descartar vieses decorrentes de reacções especiais ou particulares a um só filme. Tivemos que contar também com a possibilidade de que, para algum ou alguns dos sujeitos participantes, um dos filmes pudesse já não ser inédito...afinal a série de animação - “Ovelha Choné” é exibida regularmente em alguns canais de cabo e até mesmo, durante algum tempo, num dos canais de sinal aberto.

No final das exhibições apurou-se que nenhum dos filmes era conhecido por qualquer dos sujeitos intervenientes no estudo.

Os filmes foram exibidos aos grupos Experimental e de Controlo, separadamente, na manhã do mesmo dia. Aos surdos primeiro, às 10 horas, e aos ouvintes meia hora depois.

Foi mantida a atmosfera de um dia normal de aulas, mantiveram-se as rotinas de entrada, fizeram-se os comentários e os cumprimentos habituais. Foi dito às crianças que iriam ver dois filmes que comentaríamos no final, enquanto a professora, também espectadora, faria ao mesmo tempo uns “apontamentos”. As crianças tomaram as suas posições, sentadas, e o observador também, após a activação do equipamento.

Foram exibidos os dois filmes humorísticos, “Noite fantasmagórica” e “Fotoflash”, a cada, um dos grupos, ao Grupo experimental (GE) os surdos, em primeiro lugar e ao Grupo de Controlo (GC) os ouvintes, depois. Tomaram-se notas no decorrer da visualização, registando em grelha de notação criada para o efeito, as reacções às situações de humor observadas nos filmes. Foram tomadas notas de registo para ambas as observações: a observação do GE e do GC. Mais tarde, após a situação experimental, numa triagem criteriosa das anotações recolhidas em ambos os momentos, trabalharam-se os dados procurando diferenças na expressão e na reacção ao Humor encontradas nos dois grupos. Faremos a descrição pormenorizada dessa recolha na parte da Observação.

4.2 Participantes

Os participantes, que constituem uma amostra de conveniência, são dois grupos de 6 alunos cada, perfazendo um total de 12 elementos. O grupo experimental (GE), é composto por 6 crianças com surdez profunda congénita e o grupo de Controlo (GC), por 6 crianças sem patologia auditiva. As crianças surdas são 4 do sexo feminino, duas com 10 anos, uma com 11 e outra com 9. Os dois rapazes têm ambos 11 anos.

No GC, os ouvintes, mantém-se a distribuição por género, 4 elementos femininos e 2 rapazes. Duas das raparigas tem 11 anos e as outras duas tem 10. Os rapazes deste grupo têm 9 e 10 anos. Todas as crianças frequentam o 4º ano de escolaridade, numa escola pública e tem idades entre os 9 e os 11 anos. As crianças provem de duas turmas, uma de surdos e outra de ouvintes.

Não há referências, para o GE, de qualquer patologia associada à surdez que possa enviesar os resultados experimentais.

Para o GC, não há também qualquer registo conhecido de patologia que possa influenciar os resultados experimentais.

4.3 Instrumentos

Caracterização detalhada dos instrumentos especiais

O material a visionar são dois filmes constituídos em peças de animação a cores, gravadas em CD, sem expressão de fala. Há música de fundo composta para conferir tonalidade emotiva à narrativa e uma profusão de ruídos de circunstância, ligados às actividades desenvolvidas pelos personagens, por exemplo, a ovelha que chucha ruidosamente ou os passos do fantasma antes de aparecer. Por vezes, os intervenientes vocalizam sons adequados às emoções que vivem, a ovelha que grita de dor quando é pisada por exemplo. Ouvem-se ainda outros sons de fundo que ajudam a compor o contexto cénico onde se desenvolve a acção como por exemplo, trovejar.

Ficha Técnica e resumo narrativo do 1º filme

Primeiro filme: Filme de comédia, produzido na Austrália, pertencente à série de animação para televisão com designação original “Shaun the Sheep” com tradução oficial para português: 1 “A Ovelha Choné”, dirigido por Dave Osmand e Richard Golezovski e escrito por Glenn Dakin. Este episódio tem o título original: “Things that go bump”, em português: “Noite fantasmagórica” e é o episódio 20 da temporada 1 e foi realizado em Março de 2007. Tem uma duração de 6 minutos.

Noite fantasmagórica

Numa noite de trovoadas e muita chuva está um rebanho de ovelhas recolhido no seu estábulo a dormir. De repente, um trovão fá-las acordar assustadas. Uma ovelha adulta que está cheia de medo dos trovões, é ajudada por uma ovelha bebé que se aproxima, tirando da sua boca uma grande chupeta pingando saliva que oferece à mais velha, acalmando-a.

Torna a trovejar e a ovelha medrosa volta a tremer agitada, pisando sem querer, com muita força, o pé de outra ovelha que está ao seu lado.

De seguida, ouve-se uma música assustadora, que cria muita tensão entre as ovelhas, a porta do estábulo mexe-se e abre-se com ruído. As ovelhas ficam apavoradas quando a porta se abre por completo e... aparece um fantasma. Sabe-se que é o cão da quinta, quando ele tira da cabeça o pano que o cobria, protegendo-o da chuva. O cão traz um livro e começa a contar uma história que as ovelhas escutam com muita atenção. A pouco e pouco começam a adormecer.

A meio da história, o cão assusta-se quando vê uma luva de borracha vermelha a movimentar-se de um lado para o outro no estábulo. O cão acorda as ovelhas aos gritos, com medo, enquanto a luva sobe umas escadas de madeira. Uma ovelha mais corajosa vai atrás da luva enquanto as outras a seguem admiradas. Para aumentar ainda mais o clima de terror aparece uma grande abóbora iluminada e as ovelhas correm em pânico de um lado para outro no estábulo, por vezes escorregando e caindo várias vezes.

A ovelha corajosa que perseguiu é agredida na cara pela “luva andante” e é projectada para a rua através de uma janela, caindo em cima de um grande espantalho que se encontrava no quintal.

A ovelha sai de cima do espantalho, recompõe-se e, espreitando por detrás de um muro vê três porcos que manipulam a abóbora dentro do estábulo, usando um fio. Vê também que colocam um ratinho dentro da luva vermelha fazendo com que esta se desloque e produzem sons num tubo que passa dentro da parede do estábulo, projectando ruídos assustadores. Os porcos riem e divertem-se muito com o pânico das ovelhas.

Tendo descoberto a razão dos acontecimentos, a ovelha imagina um plano para se vingar dos porcos: coloca-se com o cão e outra ovelha dentro do espantalho e fazem sons de facas a afiar os para amedrontar. Resulta, assim que os porcos olham e percebem os sons fogem apavorados.

Tudo isto se passa de noite, no estábulo e no quintal. O Lavrador, sentindo o rebuliço, aparece com aspecto de quem está zangado, sem conseguir dormir. Nesse momento, as ovelhas juntam-se ao cão e aos porcos, colocam novamente o ratinho dentro da luva vermelha que começa a correr atrás do homem. Ele foge, correndo com muito medo. Os animais riem sem parar.

Fim

Ficha Técnica e resumo narrativo do 1º filme

Segundo filme: Filme de comédia, produzido na Austrália, pertencente à série de animação para televisão com designação original “Shaun the Sheep” com tradução oficial para português: “A Ovelha Choné”, dirigido por Lee Pressman e escrito por Glenn Dakin. Este episódio tem o título original: “Shaun Shots the Sheep”, é o episódio 15 da temporada 1 e foi realizado em Março de 2007. Tem uma duração de 6 minutos.

Fotoflash

As ovelhas estão num prado a pastar quando um casal de turistas passa e vê um cão, debaixo de uma árvore, sentado num cadeirão de tecido às flores. Fotografam-no e dão-lhe em troca uma perna de frango. O cão come a carne e corre para abrir um buraco e enterrar o osso. De seguida, os turistas saltando uma cerca de madeira, deixam cair a máquina fotográfica.

Uma ovelha que ia a passar, pega na máquina e tira uma foto ao cão, mas a máquina está ao contrário e o flash dispara no olho da ovelha que fica tonta, com os olhos à roda. A máquina é automática e a foto sai imediatamente revelando um grande olho. De seguida a ovelha quer fotografar as outras em grupo mas, ao lado umas das outras não cabem no visor, então a ovelha faz um gesto para que se juntem, mas elas não compreendem e colocam-se em cima umas das outras, tornando impossível na mesma “apanhar” todas. Tentam-se outras posições até que se encontra uma forma de fotografá-las a todas. No momento de disparar a máquina, três porcos por detrás de um muro, lançam um fio com pastilha elástica na ponta, de modo a que se cole à máquina permitindo puxá-la “das mãos” da ovelha. Agora são os porcos que tiram fotos uns aos outros em várias posições fazendo caretas.

A ovelha irritada, tenta tirar a máquina aos porcos com uma cana de pesca e um anzol mas, quando o anzol se prende à máquina, são os porcos que puxam e a ovelha é projectada pelo ar.

Entretanto os turistas batem à porta do dono do cão e perguntam-lhe se viu a máquina. O cão começa a cheirar a bolsa da máquina e faz sinal que vai procurar, lembrando-se bem da máquina e do osso que lhe tinha sido dado. Pega numa lupa, procura no campo e encontra pistas, várias fotos espalhadas no chão.

Ao mesmo tempo os porcos e algumas ovelhas ainda lutam pela máquina, enquanto as outras ovelhas continuam na posição, em cima umas das outras, para tirarem a foto.

O cão encontra a máquina no chão, muito suja, e tira uma foto às ovelhas que se riem muito, antes de entregar a máquina aos turistas. Quando o turista pega na máquina, limpa-a e é então que sai uma foto com as ovelhas todas em cima umas das outras.

Uma das ovelhas tenta tirar a máquina aos turistas, que se sentem ameaçados e fogem.

O cão fica a pensar no osso que desta vez não recebeu e fica muito triste. O seu dono para o animar dá-lhe o laço da sua camisa, que é de borracha, vermelho às bolinhas brancas e apita.

O cão fica com ar feliz e emoldura a foto das ovelhas colocando-a na parede.

Fim

Criação da Grelha Notação

Para além dos dois filmes, foi necessário criar e disponibilizar uma grelha estruturada de notação.

A criação de uma Grelha de Notação sistematizada e apropriada ao registo das reacções de Humor e Tensão no momento experimental obrigou a que conhecêssemos previamente os momentos de cada filme em que o Riso ou a Tensão Psicológica era passível de surgir. Decidimos assinalar e registar também os Momentos de Tensão Psicológica uma vez que, de acordo com uma das teorias do Humor que já vimos, a Teoria do Alívio, preconiza-se que a acumulação de tensão psicológica é factor facilitador ou desencadeador do Riso, como forma de alívio emocional.

A Grelha de Notação é como uma fita do tempo que acompanha o desenrolar do filme e onde constam referências cronológicas, ao segundo, assinalando os momentos do filme em que há Tensão ou Riso. A Grelha que usámos é da nossa autoria embora tenha como inspiração um estudo de Robert Provine (1993), dedicado ao conhecimento das características acústicas do Riso humano, referido na sua obra *Human Laughter* e que referenciamos na bibliografia.

Definimos na Grelha de Notação o “Momento Crítico para o Riso” (MCR), como o momento sinalizado no desenrolar da acção do filme, em que a situação se apresenta como cómica, provocando o Riso na maioria dos espectadores. Tomemos como exemplo de um MCR, uma cena em que o lavrador foge apavorado, quando uma luva de borracha o persegue, não sabendo o homem que no interior do objecto há afinal um ratinho que a

movimenta. Atribuímos gradações em três níveis aos MCR: Gargalhada - (G); Exclamação indiciadora de Humor de intensidade menor que gargalhada - (g) e ausência de reacção no MCR - (X). Os códigos G, g, e X, que referiremos como Código de Notação, são simplificações que se tomam para facilitar ao observador a tarefa de notação no decorrer do acontecimento experimental. De igual modo, definimos como “Momento de Tensão Psicológica” (MTP) o momento em que as expressões dos espectadores indiciam tensão ou apreensão. Tome-se como exemplo de um MTP, a cena em que a porta da casa range demoradamente enquanto se abre, aparecendo uma figura coberta com um lençol branco. Atribuímos gradações também em três níveis: Exclamações indiciadoras de medo ou tensão, incluindo agarrar o parceiro da cadeira ao lado, ou juntar-se mais a ele procurando apoio – (T); Agitação ligeira na cadeira ou tensão estática com fixação do olhar no ecrã – (t) e ausência de reacção (X).

Uma Grelha capaz de acolher com rigor a notação das atitudes do Grupo de Controlo e do Grupo Experimental, evidenciando diferenças ou destacando ocorrências, teve que ser concebida em referência a uma realidade estável, natural, próxima de uma representação universal. Assim, antes de apresentarmos os filmes ao nosso grupo de ouvintes, GC, e ao nosso grupo de surdos, GE, apresentámo-lo a 50 crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos de idade, pertencentes a duas turmas, procurando saber como reagiriam os indivíduos, em ambiente natural, não experimental, aos filmes que usaríamos no estudo. Só assim saberíamos se a condição experimental não interferiria com os indivíduos na expressão do Humor ou da Tensão, isto é: Se o Grupo de Controlo, o das crianças ouvintes, na situação experimental, apresentar um comportamento idêntico ao da generalidade dos sujeitos fora da situação experimental, poderíamos assumir que, qualquer desvio ou diferença na expressão do Humor exibido pelo grupo do surdos, GE poderia ser devida à natureza dos sujeitos e não à estranheza da situação criada.

Assim, os momentos, MTP e MTR, sinalizados na Grelha de Notação final, determinaram-se de acordo com uma reacção média, genérica, obtida numa testagem mais vasta, “universal”, que permitiu a construção do instrumento e que foi feito da seguinte forma:

Exibimos os dois filmes publicamente, em duas turmas do 4º ano de 25 alunos cada, que não são as turmas de pertença dos sujeitos do estudo.

Com a colaboração de duas professoras do 4º ano, a quem foram explicados os propósitos deste estudo, exibimos na tela de projecções da sala de cada uma das docentes, os dois filmes da Ovelha Choné. Primeiro a uma turma e depois à outra. Os filmes foram exibidos às 10 horas à primeira turma e às 10 e 30 à segunda turma, à hora e na ordem em que seriam apresentados noutro dia ao GC e ao GE. Primeiro exibiu-se o filme, “Noite Fantasmagórica” e a seguir o “Fotoflash”. As professoras disseram a cada uma das turmas que iriam ver dois filmes da Ovelha Choné que seriam comentados no final. Foi-lhes dito também que haveria uma professora a fazer trabalhos e anotações pessoais no fundo da sala de aula, por detrás dos alunos. As crianças aderiram com facilidade e deram atenção à tarefa.

O investigador estava posicionado discretamente ao fundo sala, voltado para a tela, munido de um cronómetro e de duas folhas de papel A4. As folhas de papel A4, uma para o filme “Noite fantasmagórica” e outra para o filme “Fotoflash”, estavam graduadas da esquerda para a direita em minutos e segundos, de 0 a 6 minutos, que é o tempo de duração de cada filme. Quando começou a exibição do primeiro filme à primeira turma, o investigador iniciou o cronómetro e assinalou na folha A4 respectiva, e graduada, os Momentos de Tensão Psicológica (MTP) e os Momentos Críticos para o Riso (MCR) que pôde observar. Se as crianças riam muito num determinado momento da apresentação, o investigador consultava o cronómetro, lia o tempo, por exemplo: um minuto e dez segundos, (1.10”) e, na escala da folha A4, assinalava ali um MCR. O mesmo era feito quando se percebiam sinais de Tensão, assinalando-se nesse caso, MTP. O procedimento foi idêntico para o segundo filme, obtendo o investigador de novo, as marcações dos MTP e MCR.

À segunda turma, que visualizou os filmes às 10 e 30, foi dada a mesma instrução e procedeu-se de forma idêntica. O investigador, usando o mesmo material, folhas A4 graduadas num tempo de seis minutos, encontrou na segunda turma Momentos de Riso e de Tensão Psicológica coincidentes com os da primeira turma, quer para o primeiro quer para o segundo filme.

Foram eliminados ou não considerados para a construção da Grelha de Notação final, todos os momentos em que houve dúvidas acerca do comportamento exibido. Quando não foi clara a expressão colectiva do Riso ou da Tensão, não valorizámos para

MTP ou MCR. Quando não houve coincidência dos MTP e MCR, nos dois filmes, entre as duas turmas, também não considerámos os MTP e os MTR.

Pode tomar-se que assumimos a regra: Só foram considerados referências MTP e MCR, os momentos dos filmes em que ambas as turmas mostraram de forma coincidente e clara para o observador, expressão de Riso ou de Tensão Psicológica.

Considera-se que não houve dificuldades na identificação dos Momentos de Tensão ou de Riso nos dois filmes exibidos.

Embora tenhamos notado diferenças na expressão da Tensão e do Riso, que nas turmas eram dados em modulações diferentes e, pontualmente, com ausências de reacção, não considerámos aqui esses efeitos gradativos. Os momentos foram só definidos genericamente como MCR ou MTP, sem “G”, “g” ou “X” uma vez que nas turmas, não estava reproduzido o cenário experimental. Não havia possibilidade técnica portanto, para anotar individualmente cada reacção, por serem 25 alunos em cada exibição.

Concebemos essa gradação em “G”, “g” e “X” para a Grelha de Notação final procurando referenciar essas modulações já percebidas.

Código de Notação:

MCR:

G - Gargalhada

g - Exclamação indiciadora de Humor de intensidade menor que gargalhada

X - Ausência de reacção

MTP:

T - Exclamações indiciadoras de medo ou tensão, incluindo agarrar o parceiro da cadeira ao lado, ou juntar-se mais a ele procurando apoio

t - Agitação ligeira na cadeira ou tensão estática com fixação do olhar no ecrã

X - Ausência de reacção

Grelha de Notação
Grupo de Controlo (Ouvintes)
 1º Filme: Noite fantasmagórica

MOMENTO	MTP	MCR	MCR	MCR	MTP	MCR	MCR	MCR	MCR	MCR	MCR	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MCR	MCR
TEMPO	0.23s	0.36 s	0.58s	1.00 m	1.17m	1.22m	1.47m	2.03m	2.44m	3.22m	3.45m	4.05m	4.10m	4.39m	4.50m	5.12m	5.31m	
Reações																		

MCR- Momentos Críticos para o Riso

- G - Gargalhada
 - g - Exclamação indiciadora de Humor de intensidade menor que gargalhada
 - X – Sem ocorrências
- MTP – Momentos de Tensão Psicológica**
- T - Exclamações indiciadoras de medo ou tensão, agarrar o parceiro do lado, encostar-se procurando apoio
 - t - Agitação ligeira na cadeira ou tensão estática com fixação do olhar no ecrã
 - X - Ausência de reacção
- G - Gargalhada ou exclamação de humor, deslocada do momento**

É na coincidência com os MCR e com os MTP, obtidos no “grande universo” das duas turmas, agora já transpostos para a Grelha de Notação, ou na sua proximidade, que esperamos aconteça também Tensão e Riso nos sujeitos do nosso estudo. Na Grelha de Notação já pronta, onde pontuam os MCR e os MTP, criaram-se campos coincidentes com cada um destes momentos, capazes de acolher 6 notações por Momento, uma reacção por sujeito.

Exemplo: Na Grelha de Notação do momento experimental do Grupo de Controlo (GC, ouvintes) no MCR 1’20’’, registaram-se: G ; G ; g ; G; G ; X. Significa esta notação que 4 dos sujeitos expressaram Humor através de uma gargalhada – G, um dos sujeitos expressou Humor de forma mais contida - g e outro não mostrou qualquer reacção 1– X.

Estruturação e desenho gráfico da Grelha de Notação

Estrutura:

Na primeira linha da Grelha de Notação enunciam-se os momentos referenciados no teste genérico feito nas turmas. Assinalam-se nessa linha todos os MCR e MTP de acordo com a sequência cronológica do filme. Os MCR são inscritos a verde e os MTP a vermelho de modo a facilitar leitura.

A segunda linha é a linha cronológica, onde é notado o tempo, ao segundo, em que ocorrem os MCR e os MTP. A notação do tempo está feita a preto e diz respeito aos momentos com interesse para o estudo encontrados dos 0 aos 6 minutos, compreendendo portanto, a totalidade do filme.

No campo “Reacções”, é usado o Código de Notação que assinala as reacções dos sujeitos individualmente. Cada célula ou quadrícula, contém uma letra do Código de Notação que define a reacção de cada sujeito ou, a ausência dela.

Leitura:

Todas as leituras interpretativas devem ser feitas em coluna. A cada MCR ou MTP corresponde um tempo e uma série de 6 notações em “Reacções”. A um MCR, que é sempre notado a verde, corresponderão na mesma coluna, 6 reacções individuais também a verde e, *mutatis mutandi*, a um MTR que é sempre notado a vermelho,

corresponderão na mesma coluna, 6 reacções individuais também a vermelho. Exemplo de leitura na Grelha de Notação 1, do momento do tempo 5.31 a que corresponde um MCR:

MCR
5.31s
G
X
G
G
G
G
G
G

Outros instrumentos

- Um leitor de DVD de qualidade técnica para uso doméstico;
- Uma televisão de qualidade técnica para uso doméstico;
- Sete cadeiras individuais, exemplares vulgares de mobiliário escolar;
- Uma secretária simples, exemplar vulgar de mobiliário escolar;

5. Apresentação dos resultados

5.1 Momento experimental: Observação dos vídeos pelo grupo de controlo

A descrição da Observação dos dados empíricos e a sua interpretação serão feitas neste capítulo sequencialmente. Primeiro descreveremos as ocorrências observadas no Grupo de Controlo (GC, crianças ouvintes) a sua entrada para o espaço de experimentação, a atitude no procedimento, a validação da Grelha de Notação, através da confirmação da coincidência das respostas brutas aos MCR (Momentos Críticos para o Riso) e MTP (Momentos de Tensão Psicológica) que determinámos previamente no capítulo 4 em Instrumentos. Por último, comentaremos o decurso do Momento Experimental, centrados na exibição dos filmes e nas notações obtidas, referenciadas ao Código de Notação criado, considerando somente o GC e, ainda, sem quaisquer interpretações.

Em segundo lugar descreve-se a observação do Momento experimental do Grupo Experimental (GE) seguindo o registo de tópicos feito anteriormente para o GC.

Após a recolha de dados, expressos na notação, procederemos no capítulo próprio, à apreciação dos resultados intra-grupo, verificando eventuais correlações entre MTP e MCR, dentro do mesmo grupo. Concretamente procuraremos averiguar se a acumulação de Tensão, (MTR), leva a um Alívio no MCR provocando Riso significativo. Neste momento quantificaremos e procuraremos relações entre dados e interpretaremos, nos limites dos objectivos, o material obtido.

De seguida procede-se à comparação das grelhas do GC e do GE, no que será a comparação Inter-grupos. Faremos apreciações pontuais, em comparações directas entre notações individualmente, ou em coluna, tendo como referência o tempo, ou a cronologia de cada Momento, comparados com o outro grupo do estudo. Podemos mais amplamente, fazer uma análise com base em valores percentuais procurando obter uma visão mais global dos resultados. Por último destacaremos os aspectos essenciais tirados da análise feita e daremos resposta às questões de investigação que formulámos.

Grupo de Controlo

Às 10 horas o grupo de seis crianças que constitui o GC entrou na sala de experimentação naturalmente e em conversa animada. É-lhes dito que vão ver alguns filmes de animação e que devem sentar-se em frente à televisão. Foi dito também que os filmes seriam comentados entre todos no fim e que a professora ficaria sentada lateralmente a fazer alguns apontamentos pessoais.

As crianças tomaram os seus lugares na fila de cadeiras em frente à televisão sempre alegres. Uma delas perguntou que filmes iriam ver: “que desenhos animados são?” A professora disse-lhes que eram filmes da Ovelha Choné. Todos reconheceram a série, mostrando agrado e comentando alguns aspectos ligados à protagonista, a própria Choné. Evocaram filmes da série que conheciam e interrogavam-se mutuamente, relatando cenas vistas que procuravam sem grande êxito, partilhar. Há já várias séries da Ovelha Choné, tendo cada uma vários episódios o que tornou mais difícil às crianças a evocação de uma recordação comum que pudessem comentar.

O aparelho de televisão e o DVD foram ligados e o 1º filme, “Noite Fantasmagórica” começou. O observador tomou o seu lugar na posição de observação e iniciou o trabalho de notação.

As crianças mantiveram-se atentas e expressaram sem constrangimentos percebidos a atitude própria de um espectador durante todo o cronograma. Riram, manifestaram tensão ou ausência de reacção conforme as nossas expectativas.

O observador recolheu as notas com facilidade e verificou que a maioria das manifestações dos sujeitos eram claramente coincidentes com os Momentos (MTP e MCR) previstos na Grelha de Notação. Considerámos, para o primeiro filme, que a Grelha de Notação se adequa ao propósito do nosso estudo.

Terminado o primeiro filme, perguntou-se às crianças se tinham gostado da Ovelha Choné e se queriam ver mais um filme. As crianças mostraram-se alegres e interessadas e passou-se o segundo filme: “Fotoflash”.

As manifestações dos sujeitos coincidiram na sua maioria com os MTP e MCR preconizados na Grelha de Notação para o 2º filme. Considerámos também esta Grelha adequada ao propósito do nosso estudo.

No final, apurámos que nenhum dos sujeitos do GC conhecia os filmes usados na situação experimental e comentámos os filmes conforme prometido.

Segue-se a apresentação das duas Grelhas de Notação, preenchidas no momento experimental do GC. A primeira diz respeito ao 1º filme: “Noite Fantasmagórica” e a outra ao 2º filme: “Fotoflash”.

Grupo de Controlo (Ouvintes)

1º Filme: Noite fantasmagórica

MOMENTO	MTP	MCR	MCR	MTP	MCR	MCR	MCR	MCR	MTP	MCR	MCR	MCR	MCR	MTP	MCR	MCR	MCR
TEMPO	0.23s	0.36 s	0.58s	1.00 m	1.17m	1.22m	1.47m	2.03m	2.44m	3.22m	3.45m	4.05m	4.10m	4.39m	4.50m	5.12m	5.31m
Reações	T	g	G	g	t	T	G	G	g	G	G	T	G	t	G	G	G
	T	g	g	G	t	T	G	G	X	G	G	t	G	T	G	G	X
	T	g	G	G	T	T	g	g	X	G	X	t	G	T	G	G	G
	T	g	g	G	t	t	G	G	g	G	G	T	G	t	g	G	g
	T	g	G	G	T	t	G	G	X	G	g	t	G	t	G	G	G
	t	g	G	G	t	T	G	G	g	G	G	t	X	t	G	G	g

MCR- Momentos Críticos para o Riso

G - Gargalhada

g - Exclamação indiciadora de Humor de intensidade menor que gargalhada

X – Sem ocorrências

G -Gargalhada ou exclamação de humor, deslocada do momento

MTP – Momentos de Tensão Psicológica

T - Exclamações indiciadoras de medo ou tensão, agarrar o parceiro do lado, encostar-se procurando apoio

t - Agitação ligeira na cadeira ou tensão estática com fixação do olhar no ecrã

X - Ausência de reacção

G -Gargalhada ou exclamação de humor, deslocada do momento

Grupo de Controle (Ouvintes)

2º filme: Fotoflash

MOMENTO TEMPO	MCR	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP
	00.11s	00.34s	1.02m	G	g	1.56m	G	2.23m	t	2.31m	g	2.58m	T	3.20m	T	3.34m	T
Reações	G	G	g	G	T	G	G	G	t	g	G	G	T	g	t	g	t
	g	G	g	G	T	G	G	g	t	g	X	g	t	G	t	g	T
	X	X	g	g	t	g	g	g	t	t	X	g	t	G	t	g	t
	X	G	g	G	t	G	g	g	t	t	G	G	t	g	t	G	t
	g	G	g	g	t	g	g	g	t	t	G	G	X	X	t	G	T
	g	G	g	g	t	g	g	g	t	g	G	g	X	X	t	g	t

MCR- Momentos Críticos para o Riso

G - Gargalhada

g - Exclamação indiciadora de Humor de intensidade menor que gargalhada

X - Sem ocorrências

G -Gargalhada ou exclamação de humor, deslocada do momento

MTP – Momentos de Tensão Psicológica

T - Exclamações indiciadoras de medo ou tensão, agarrar o parceiro do lado, encostar-se procurando apoio

t - Agitação ligeira na cadeira ou tensão estática com fixação do olhar no ecrã

X - Ausência de reação

G -Gargalhada ou exclamação de humor, deslocada do momento

Análise de resultados Intra-Grupo GC

Vamos agora proceder à análise não-comparativa dos resultados. Fazemo-lo, só relativamente aos dados do GC com objectivo de consolidar o conhecimento do que pode ser apurado a partir do grau de ajustamento das respostas, aos Momentos pré-concebidos na Grelha de Notação. Depois de adquirida uma leitura genérica dos resultados do GC, cremos ser mais fácil a percepção de eventuais contrastes com os dados gerais do GE, quando forem apresentados.

As respostas do GC foram na sua maioria coincidentes com os MTP e MCR predefinidos na Grelha de Notação, quer para o 1º quer para o 2º filme, validando a Grelha. Para o 1º filme registámos 94% de Reacções notáveis, ou seja, em 102 campos para resposta possível, só encontrámos um total de 6 ausências de reacção, que ocorreram sempre em MCR. Assinalámo-las com X, nos tempos: 2.44, 3.45, 4.10 e 5.31.

No 2º filme registámos 93% de respostas notáveis, em 114 campos de resposta possível assinalámos 8 Ausências de reacção, 1 em MTP e 7 em MCR nos tempos: 4.28 para MTP e, 0.11, 0.34, 4.02 e 4.44 em MCR.

Os MTP tiveram notação em “T” ou em “t” e, a todos estes momentos de Tensão Psicológica, alguns com acumulação, (dois MTP sucessivos), seguiram-se notações MCR em que predominam os “G”. No 1º filme, são exemplos claros disso, os MTP/1.22, 4.05, 4.39 e no 2º filme os MTP/1.08, 3.34 e 4.28. Este ultimo, o MTP 4.28 origina um MCR diríamos, progressivo, onde Ausências de reacção e “g” evoluem para “G” já no MCR 5.10. Pode haver aqui uma progressão determinada por contágio, o Riso começa com menor intensidade aumentando de volume na medida em que se juntam sujeitos que não haviam reagido, contribuindo para a generalização do rir. Esta ocorrência, Tensão seguida de Gargalhada, parece uma associação, e é notada em ambos os filmes.

O 1º filme tem 65% de G contra 34% no 2º filme. De acordo com estes valores, podemos entender que, para o GC o filme “Noite Fantasmagórica” é mais hilariante do que o “Fotoflash” desencadeando reacções de Humor de maior intensidade. A tensão é também expressa de forma mais clara, muitas vezes em T, no 1º filme conforme se pode observar na comparação das Grelhas entre filmes.

Muitas vezes, a expressão do Humor evolui da notação em “g” para a notação – “G”, como já vimos, parecendo haver um efeito de contágio. O Riso iniciava-se em “g”, parecendo produzir contágio aos outros elementos, aumentando de volume. Esta situação é observável especialmente no 1º filme que, por ser mais intenso, permite perceber gradações nas reacções, é o caso dos MCR/0.36, 0.58, e 2.44.

No GC, o Riso surge como acto colectivo e simultâneo, sempre como reacção a uma cena do filme. Todos os sujeitos do GC começavam a rir ao mesmo tempo. O facto de, em alguns momentos parecer evidente um efeito de contágio, isso tinha a ver com o aumento do volume do Riso, numa evolução de “g” para “G” e não com o início do acto de rir.

Para o GC o 1º filme foi mais hilariante e mais intenso. Como já vimos, registaram-se 64% de “G” no 1º contra 34% no 2º filme e em termos de intensidade dramática tivemos no “Noite fantasmagórica” 50% de “T” contra 36% no “Fotoflash”. Quando perguntámos às crianças qual o filme mais longo, obtivemos como resposta que era o segundo filme! Sabemos que ambos os filmes têm 6 minutos, a resposta das crianças pode corresponder à apreciação de alguma monotonia, a menos movimento, menos acção.

5.2 Observação dos vídeos pelo Grupo experimental

Às 10 horas e 30 minutos o grupo de seis crianças surdas que constitui o Grupo Experimental, GE, entrou na sala de experimentação de forma animada, trocando impressões em Língua Gestual, (LG) rindo e vocalizando. Foi dito pela professora, recorrendo à LG que deveriam sentar-se na área de televisão e que iriam ver filmes de animação da “Ovelha Choné”. Os filmes seriam comentados no final entre os alunos e a professora. Traduziu-se, “Ovelha Choné em LG como sendo “Ovelha Maluca”. Os alunos não deram sinais de conhecer a personagem. A professora disse que se manteria na secretária lateral fazendo os seus apontamentos. Os alunos sentaram-se na fila de seis cadeiras alegres e motivados para a tarefa.

Ligou-se a televisão e o DVD e o 1º filme, “Noite Fantasmagórica” começou. O observador tomou o seu lugar na posição de observação e iniciou o trabalho de notação. Os sujeitos estiveram atentos e envolvidos na trama do filme e expressaram com naturalidade as suas reacções aos acontecimentos do filme. O trabalho de notação foi fácil, as reacções registadas nem sempre coincidiram com os MTP e os MCR preconizados.

Terminada a exibição do 1º filme perguntámos às crianças se tinham gostado e se desejariam ver outro episódio e obtivemos resposta afirmativa com demonstrações de satisfação e interesse. Exibiu-se o 2º filme: “Fotoflash”.

De novo os sujeitos deram atenção às cenas e demonstraram com entusiasmo o seu interesse pela actividade. Fez-se a notação e, as reacções registadas nem sempre coincidiram com os MTP e MCR previstos na Grelha de Notação.

No final das exibições apurámos que nenhum dos intervenientes conhecia os filmes que visualizou. Comentámos os filmes animadamente conforme havíamos combinado na instrução inicial.

Segue-se a apresentação das duas Grelhas de Notação, preenchidas no momento experimental do GE. A primeira diz respeito ao 1º filme: “Noite Fantasmagórica” e a outra ao 2º filme: “Fotoflash”.

Grupo Experimental (Surdos)

1º Filme: Noite fantasmagórica

MOMENTO	MTP	MCR	MCR	MTP	MCR	MCR	MCR	MCR	MCR	MTP	MCR	MCR	MCR	MTP	MCR	MCR	MCR
TEMPO	0.23s	0.36 s	0.58s	1.00 m	1.17m	1.22m	1.47m	2.03m	2.44m	3.22m	3.45m	4.05m	4.10m	4.39m	4.50m	5.12m	5.31m
Reações	X	g	G	G	X	G	g	G	g	g	G	G	G	G	G	g	g
	X	X	g	g	X	X	X	G	g	g	G	X	G	X	G	g	X
	X	X	g	g	X	G	g	G	G	G	g	G	g	G	G	g	g
	X	g	G	g	X	G	G	X	g	g	G	X	g	G	G	g	g
	t	X	g	g	X	G	X	G	G	g	G	X	G	G	G	g	X
	X	g	X	g	X	X	X	G	G	G	G	G	X	G	G	g	g

MCR- Momentos Críticos para o Riso

G - Gargalhada

g - Exclamação indiciadora de Humor de intensidade menor que gargalhada

X – Sem ocorrências

G -Gargalhada ou exclamação de humor, deslocada do momento

MTP – Momentos de Tensão Psicológica

T - Exclamações indiciadoras de medo ou tensão, agarrar o parceiro do lado, encostar-se procurando apoio

t - Agitação ligeira na cadeira ou tensão estática com fixação do olhar no ecrã

X - Ausência de reacção

G -Gargalhada ou exclamação de humor, deslocada do momento

Grupo Experimental (Surdos) 2º filme: Fotoflash

MOMENTO	MCR	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP	MCR	MTP		
TEMPO	00.11s	00.34s	1.02m	1.08m	1.56m	2.23m	2.31m	2.58m	3.20m	3.34m	3.57m	4.02m	4.08m	4.28m	4.44m	4.58m	5.10m	5.22m	5.28m
Reações	g	G	g	X	g	g	G	X	X	t	g	g	t	X	g	X	t		G
	G	X	g	X	g	g	X	X	X	G	g	X	t	X	g	X	t		X
	g	G	g	X	g	g	X	X	X	G	g	g	G	X	g	g	t		G
	g	G	g	X	g	g	X	X	X	G	g	g	t	X	g	g	t		X
	g	X	g	X	g	g	G	X	X	t	g	g	G	X	g	g	t		X
	g	X	g	X	g	g	G	X	X	t	g	g	t	X	g	g	t		X
	g	G	g	X	g	g	X	X	X	G	g	g	t	X	g	g	t		X
	g	X	g	X	g	g	G	X	X	t	g	g	G	X	g	g	t		X
	g	X	g	X	g	g	G	X	X	t	g	g	t	X	g	g	t		X
	g	X	g	X	g	g	G	X	X	t	g	g	t	X	g	g	t		X

MCR- Momentos Críticos para o Riso

G - Gargalhada

g - Exclamação indicadora de Humor de intensidade menor que gargalhada

X – Sem ocorrências

MTP – Momentos de Tensão Psicológica

T - Exclamações indiciadoras de medo ou tensão, agarrar o parceiro do lado, encostar-se procurando apoio

t - Agitação ligeira na cadeira ou tensão estática com fixação do olhar no ecrã

X - Ausência de reacção

G -Gargalhada ou exclamação de humor, deslocada do momento

Análise de resultados Intra-Grupo GE

Vamos agora proceder à análise não-comparativa dos resultados do Grupo Experimental, GE, com objectivo de isolar e consolidar o conhecimento do que pode ser apurado a partir do grau de ajustamento das respostas, aos Momentos pré-concebidos na Grelha de Notação. Depois de adquirida uma leitura genérica dos resultados do GE, cremos ser mais fácil a percepção das diferenças com os dados gerais do GC que já vimos. A leitura dos dados obtidos assim, em blocos, separadamente, pode ajudar à compreensão das interpretações finais, já no exercício do cruzamento das prestações entre o Grupo de Controlo e do Grupo Experimental.

As respostas do GE nem sempre se ajustam aos MTP e MCR predefinidos na Grelha de Notação. Esta situação de desencontro reactivo ocorre no 1º e no 2º filme gerando não-coincidências.

Para o 1º filme registámos 77% de Reacções notáveis, ou seja, em 102 campos para resposta possível, encontrámos um total de 24 Ausências de reacção, que ocorreram maioritariamente em MTP. Assinalámo-las com X, por exemplo nos tempos: 0.23, 1.17 e 4.05.

No 2º filme registámos 67% de respostas notáveis, em 114 campos de resposta possível assinalámos 38 Ausências de reacção, maioritariamente em MTP. São exemplo os tempos 1.08, 2.58, 3.20 e 4.28.

Há na notação dos surdos uma ocorrência evidente e inesperada: O GE, reage em “G” nos MTP, ou seja, em momentos de Tensão, um número significativo de sujeitos expressa Humor na intensidade mais alta, que definimos no Código de Notação como – “G”. Esta ocorrência “inversa”, uma reacção deslocada e inesperada, colocou-nos a necessidade de criar um símbolo notação especial definindo: Gargalhada que é expressa num momento em que a expectativa do experimentador é para Medo ou Tensão. Atribuímos **G** a essa reacção deslocada.

Assim, para o filme “Noite fantasmagórica”, em 30 campos possíveis de resposta em MTP para notações “T” ou “t”, o GE responde apenas 1 vez em “t”, 17 em X e 12 em **G**. Vejam-se os exemplos **G**, nos tempos 1.22, 4.05 e 4.39. Para o filme “Fotoflash”, em 48 campos possíveis de resposta em MTP, o GE responde 13 vezes em “t”, 25 em X e 10 em **G**, vejam-se no cronograma os tempos: 2.31, 3.34 e 5.28.

Parece não haver associação entre MTP e MCR, as respostas de Tensão são escassas, particularmente no 1º filme, considere-se o Momento 0.23. No 2º filme podem observar-se momentos de Tensão assinalados em “t”, mas que parecem não ter “ligação directa” ao um MCR seguinte, em algumas vezes até, à Tensão assinalada, segue uma Ausência de reacção, como podemos observar nos momentos: 4.28 e 5.28.

A maioria dos momentos de expressão de Riso no GE é dada em dada em “g” seguindo-se os “G” e depois os G. O GE expressa o seu Humor no máximo, isto é, em “G”, 46% das vezes no 1º filme enquanto que, no 2º filme o faz só uma vez no momento 0,11 o que perfaz 1%. Pode dizer-se portanto que o GE acha mais hilariante o 1º filme.

O Riso nem sempre ocorre em simultâneo. Por vezes alguns dos sujeitos experimentais iniciam o Riso e, naquilo que parece ser um contágio por interacção física, mobilizam os restantes. Podemos constatar essas ocorrências nos momentos 0.36, 1.47 e 4.05.

Ocorre ainda outra observação inesperada: O GE riu fora dos Momentos predefinidos várias vezes. Pudemos registar em tempo, no primeiro filme, três desses momentos nos tempos: 0.47, 2.25 e 5.55. Calculamos que tenham ocorrido pelo menos mais três momentos que não foi possível registar cronologicamente. Na discussão dos resultados daremos conta da reflexão que fizemos a este respeito.

Quando perguntámos às crianças qual o filme mais longo, obtivemos como resposta que era o segundo filme. Sabemos que ambos os filmes têm 6 minutos, a resposta das crianças pode corresponder à apreciação de alguma monotonia, a menos movimento, menos acção.

5.3 Análise comparativa dos resultados Inter-grupos

Neste ponto do capítulo da Apresentação de resultados compararemos as prestações dos dois grupos que integram a situação experimental. Usando a matéria exposta anteriormente na análise do GC e do GE, salientaremos os contrastes mais evidentes e reflectiremos nas interpretações possíveis, procurando pistas explicativas, construindo interrogações. Colocaremos face a face os resultados mais óbvios, os mais difíceis de ignorar. Alguns constituíram surpresa, irrompendo no momento experimental de forma inesperada, perante um investigador desprevenido que assim, não tirou pleno partido de todos os eventos. Foi o caso das reacções de Humor de, “não coincidência”,

que ocorreram fora dos Momentos predefinidos e que o observador não pôde notar cronologicamente porque a Grelha de Notação não acolhia, nem previa tal acontecimento. Terá certamente, esta ocorrência, valor informativo e científico uma vez que traduz uma singularidade interessante para a consideração da qualidade do Humor no surdo: durante o estudo, algumas vezes, o GE expressou Humor em momentos alternativos, se tomarmos como referenciais os MCR obtidos num universo mais vasto.

Há outras diferenças importantes para a nossa reflexão interrogativa.

O GE tem uma taxa de Ausência de reacção muito elevada quando comparado com o GC. Apresenta 23% e 33% no 1º e no 2º filme, respectivamente, enquanto o GC, na mesma ordem de apresentação dos filmes, faz 6% e 7%. A maioria das Ausências de reacção do GE dá-se em MTP julgamos que porque toda a Tensão psicológica dos dois filmes é dada por efeitos sonoros, por exemplo no 1º filme: a trovoadas, MTP/0.23, a porta a ranger, e toda a narrativa construída em ambientes sonoros, ainda que não verbais, não está acessível aos sujeitos do GE. Por isso também não haverá Tensão acumulada que conduza a um MCR “aliviador”, concordante com a Teoria do Alívio que, relembramos, preconiza estar a génese do Humor num acumular de Tensão, numa angústia acumulada que se “liberta” perante o desvendar de uma situação, afinal não ameaçadora.

Outra situação inesperada ocorreu no momento experimental do GE. Revelou-se quando a expressão de Humor, o Riso, apareceu nos tempos em que era esperada Tensão Psicológica, ou seja, ocorrem Gargalhadas ou Riso em MTP. Os aspectos sonoros, não percebidos pelos sujeitos, podem “transformar” ao que parece, momentos de medo em momentos de Riso: O cão que aparece à porta coberto com um lençol branco na cabeça, não é visto como um fantasma assustador e provoca o Riso no Grupo Experimental que, não ouvindo o vento, a trovoadas, os passos e a porta que se abre a ranger antes de aparecer o fantasma que provocou tensão, em “T”, no Grupo de Controlo, toma aqui interpretações hilariantes.

O GE parece não iniciar o Riso de modo súbito e simultâneo como o fez quase sempre o GC, quando visualizava uma cena cómica. No Grupo Experimental o acto de Rir não se deu numa “explosão” simultânea, iniciada em todos, ou quase todos os sujeitos ao mesmo tempo. Em vez disso, o Riso começava em alguns que, tocando os companheiros do lado, olhando-se e falando LG, possivelmente explicando uns aos outros a causa do Riso, comunicavam a alegria entre si, disseminando o Humor à totalidade do grupo. Os MCR 0.36 e 4.05 da Notação do GE deixam-nos ver indícios

desse possível efeito: nem todos os sujeitos riem logo no primeiro tempo do MCR, à medida que o tempo passa, juntam-se mais sujeitos ao Riso geral. Este efeito, a que chamaremos “Contágio em onda”, foi observável em quase todo o procedimento, não podendo no entanto ser devidamente comprovado experimentalmente já que, foi outra ocorrência inesperada. A nossa Grelha de Notação não acolhe a possibilidade de notação de um efeito deste tipo, que só se constata se for viável a notação ininterrupta, segundo a segundo, observando a acção no seu natural desenvolvimento, como que de fotograma em fotograma. Lembremos que a nossa Grelha de Notação tem hiatos temporais entre os Momentos, não reflecte por isso a fluidez real dos acontecimentos; é como se a acção estivesse sob uma luz “Strob light” e os movimentos fossem vistos em sacada. Só o registo vídeo permitiria, noutro estudo, expor um pouco mais esta suposição.

Este achado, o “Contágio em onda”, um “alerta geral” para o Riso, fazia com que “por vezes”, a quase totalidade do GE perdesse cenas dos filmes. Enquanto se tocavam, olhavam e comunicavam em LG, colectivizando o seu comportamento de reacção ao Humor, os sujeitos não olhavam o ecrã e, inevitavelmente interrompiam a visualização sequencial do filme com prejuízo para a compreensão da história.

Podemos também tomar como objecto de reflexão o facto do GE apresentar mais notações relativas a Riso do que o GC. Observemos que o GE tem um índice de notações em MCR, “g” e “G”, idêntico ao GC mas, a esta evidência devemos acrescentar todos os G notados em Momentos de Tensão, acrescentando mais 20% de notações inerentes ao Riso ao computo do GE. Pode então dizer-se que, de acordo com os nossos registos o GE ri mais na situação experimental do que o GC.

A notação das intensidades de Riso foi diferente entre os dois Grupos. Considerando os dois filmes, o GE deu 72% de notações em “g”, indiciando uma expressão de Humor de menor intensidade, enquanto que no GC registámos uma percentagem menor: 41%. Podemos inferir desta leitura, inversamente, que o GC ri mais em “G”, expressando Humor ao máximo 59% das vezes, ao contrário do GE que só o faz numa percentagem 28%. O GE ri mais ao longo do estudo do que o GC mas fá-lo em menos intensamente, quase sempre em “g”.

A comparação entre grupos leva a que possamos destacar alguns aspectos para reflexão:

- O GE, por vezes, expressou Humor rindo, em momentos diferentes do GC;

- O GE não expressou Tensão psicológica assinalável nos Momentos em que se previa que isso acontecesse;
- O GE expressou Humor rindo, em momentos onde se esperava a expressão de Tensão Psicológica;
- O GE parece usar a interação física e a LG para comunicar a expressão do Humor;
- O somatório dos tempos de Riso do GE indicia que este grupo riu durante mais tempo que o GC;
- O GE expressou Humor rindo de modo menos intenso do que o GC;

Relembremos as questões formuladas neste estudo: Será que as crianças surdas interpretam as situações humorísticas de forma diferente das ouvintes? Perante uma mesma sequência de situações humorísticas, as crianças surdas expressam o seu humor em momentos diferentes dos ouvintes e com reacções diferentes?

Os resultados apurados a partir na situação experimental parecem indicar que as crianças surdas interpretaram o Humor de forma diferente da dos ouvintes. Também encontrámos evidências de que podem expressar o Humor em momentos diferentes, reagindo por vezes de outra forma.

6. Conclusão

A constatação de que a diversidade entre os humanos é mais ampla do que aquilo que assumimos no nosso quotidiano, é a conclusão mais geral deste trabalho. E isso exige de nós, cada vez mais cuidados pedagógicos, mais sensibilidade social e mais sentido de cidadania. Neste caso, as características da partilha do Humor na comunidade surda e as diferenças com a comunidade de ouvintes, pode alertar-nos, para uma particularidade própria de uma identidade que se quer de direito e respeitada universalmente. Incapazes de comunicar oralmente desde muito cedo, arredados do mundo ouvinte, submetidos muitas vezes a intervenções médico-terapêuticas sucessivas, desorientados numa posição fronteira entre dois mundos a que não pertencem verdadeiramente, os surdos confrontam-se com um processo contínuo de difícil adaptabilidade.

No ensino, já se sabe há muito que os surdos congénitos não acompanham o desenvolvimento curricular como os ouvintes. Também se sabe que num espaço de recreio onde brincam surdos e ouvintes, há tendência para que as crianças surdas, a pouco e pouco se juntem, brincando entre si, usando processos próprios de comunicação mais eficazes no seu grupo.

Os aspectos sonoros das vocalizações dos ouvintes são culturais, os nossos gritos, seja numa aflição ou numa brincadeira emotiva, são também parte da nossa linguagem, as nossas exclamações ou interjeições vocais têm sinais de pontuação que os determinam dando a ideia a quem lê, do som que convencionalmente se lhes atribui e que é partilhado por todos. Os surdos não produzem exclamações, nem entoam interrogações oralmente. Isto leva-nos a questionar a partir de que idade e como interpretará um surdo congénito um ponto de exclamação ou um ponto de interrogação num texto escrito? Os sons são elementos de cultura da comunicação reconhecíveis pelos pares da espécie. Gritamos, exclamamos, rimos alto e vocalizamos todos da mesma maneira. Reconhecemo-nos também uns aos outros a partir dessas emissões de som. Na infância, as primeiras brincadeiras, poderosas interações sociais, momentos fundadores da relação entre as pessoas fazem-se com poucas palavras. Fazem-se mais de “sinais” vocais, de vocalizações livres que se vão “aplanando” e normalizando entre as crianças, até que se tornem uma espécie primitiva de palavras que expressam a alegria, desagrado ou a dor resultante de uma queda. Os surdos nunca poderão

comunicar com os ouvintes desta forma, no mesmo registo, neste momento de precocidade das relações entre pares.

A psicologia determina hoje a existência de períodos sensíveis ou críticos para a aprendizagem de certas competências, são janelas em que sistemas de cognição se configuram neurologicamente para adquirir especialidades relacionadas com a sobrevivência nos seus vários níveis. Se há uma janela de “oportunidade cognitiva” para a aprendizagem de comportamentos sociais e relacionais, que se fundam na comunicação precoce, nas interações sempre muito sonoras entre crianças, os surdos congénitos, certamente não farão essa aquisição na sua totalidade.

Num recreio de crianças não há discursos, a orientação das brincadeiras dá-se ao sabor das gargalhadas, dos gritos de alegria e de vocalizações múltiplas, indiciando vários estados psicológicos: medo, emoção, alegria, desagrado, choro etc. A pouco e pouco, todo um “vocabulário” expressivo, próprio da espécie, vai adquirindo entradas, juntando as peças que afinal são as mesmas dos nossos antepassados primitivos.

O acervo de vocalizações primárias de que somos capazes é em geral, transcultural, atravessa a barreira das culturas e promove uma linha de entendimento universal entre humanos. As diversas formas de Rir; rir à gargalhada, rir com desdém, rir cinicamente, na Austrália tem o mesmo significado do que na Europa, embora especificidades do Humor sejam culturalmente marcadas. Expressões vocais indiciadoras de prazer físico, de admiração ou de alívio também. Os gritos de alegria, de aflição e de terror são códigos de emergência que fazem parte do equipamento básico da espécie humana.

Os surdos congénitos têm dificuldades na aquisição destes códigos. A sua natureza não lhes permite aprender a modulação de um grito ou de uma gargalhada conforme as convenções. As suas vocalizações, numa brincadeira entre crianças são necessariamente muito diferentes na intensidade, na duração, na modulação, na tonalidade e na origem da produção dos sons no aparelho vocal.

Num recreio em que brincam surdos e ouvintes, um observador percebe diferenças na qualidade da comunicação entre as crianças. Há sons vocais no espaço acústico desse recreio onde pontuam diferenças na modulação e na intensidade dos sons destacando-os do ruído geral. São sons que muitas vezes activam a atenção dos circunstantes, por serem innotáveis, ou por se assemelharem a vocalizações indiciadoras de situações de emergência ou sofrimento. O facto de uma criança surda experimentar as suas emoções colectivas dando voz aos seus sentimentos de modo

peçoal, pode gerar entre os ouvintes leituras erradas, falhas na interpretação da realidade de um dado momento.

A comunicação dos surdos com os ouvintes é mais física, os surdos chamam os colegas de recreio, mas não pelo nome, tem que dirigir-se a ele, tocam-no, puxam-no, encaram-no, gesticulam para obterem a sua atenção. Lutam pela comunicação, mobilizando o rosto, exagerando expressões faciais para se fazerem entender, dando tudo por tudo. É uma interacção de menor economia e mais desgastante, o surdo não tem os mesmos ritmos nem a mesma eficácia interactiva no contacto colectivo com base no som. Pode haver até, a seu respeito, uma percepção externa com elementos prejudiciais, discriminativos.

Num quadro deste tipo é provável que a relação entre surdos congénitos e ouvintes esteja afectada, se não mesmo comprometida. Mais tarde, a consciência de que a produção vocal de um surdo congénito está distante da normalizada a ponto de ser estranha à acomodação do ouvido ouvinte, leva a que muitas vezes o surdo adulto, tenha relutância em falar na presença de desconhecidos.

Já se disse que no recreio, as crianças surdas se afastam das ouvintes e brincam entre si. Será este um comportamento universal? Se é assim, porque o fazem realmente? Em que idade se inicia este processo de afastamento? Questões para outro estudo.

O recreio pode ser um dos primeiros espaços onde as diferenças entre surdos e ouvintes fazem um observador atento pensar em eventuais prejuízos. Ali, as interacções denunciam já dificuldades, percebe-se que o grupo não se tornará homogéneo. Naquele espaço a comunicação aparece em vários modos incluindo o Humor e o Riso e sabe-se que aquele modo é importante na socialização e no cimento das relações.

As crianças são atraídas pelo Riso uns dos outros, aproximam-se quando alguém dá gargalhadas, aprendem graças, apreciam o Humor e desenvolvem competências em torno das situações humorísticas. Contam anedotas, fazem piadas e com isso tornam-se populares ao mesmo tempo que acedem à compreensão de uma faceta da cultura que lhe permite frequentar com prazer um cinema e entender a sua comicidade, ir ao teatro e rir em uníssonos com uma sala de espectáculos inteira, compreender o Humor fino de um bom escritor na página de um livro e até, talvez, rir-se de si próprio quando necessário, ou das vicissitudes da vida e do seu lado ridículo.

O Humor é portanto algo que nos une, é também uma dimensão importante da nossa cultura, prende-se com o prazer e com a partilha do saber.

O Humor ensina-se e aprende-se socialmente, vem na linguagem e têm uma evolução cultural, desenvolve-se com o intelecto e tem vários níveis de sofisticação. Há Humor mais simples, dito mais básico e Humor mais fino, apelando mais à inteligência e ao conhecimento. Se vier de facto com a linguagem oral a possibilidade de aceder a elementos culturais ligados ao Humor e ao seu desenvolvimento, e se a aquisição dessas matérias implica a compreensão e a partilha em sociedade dos seus códigos sempre a partir do espectro do audível, temos que reflectir nos eventuais prejuízos sofridos por quem se vê afastado deste contacto oral.

Não é só o estabelecimento de ligações sociais fazendo uso do canal – Riso, nem a melhoria de um estado físico ou psicológico ou o reforço das defesas, nem a alegria ou a importância adaptativa do acto, é também, no nosso tempo, a capacidade de entender uma vasta dimensão da nossa cultura que assenta no Humor e nos seus múltiplos níveis de expressão.

Quisemos neste estudo saber se as crianças surdas interpretam as situações humorísticas de forma diferente das ouvintes e se perante uma mesma sequência de situações humorísticas, as crianças surdas expressam o seu humor em momentos diferentes dos ouvintes e com reacções diferentes.

Apurámos que as crianças surdas parecem interpretar o Humor de forma diferente da dos ouvintes. Também encontrámos evidências de que podem expressar o Humor em momentos diferentes, reagindo por vezes de outra forma.

Soubemos, em linhas gerais, que os surdos encontram Humor e expressam-se rindo, em situações que não parecem tão engraçadas aos ouvintes, por exemplo, riem em momentos em que os ouvintes têm medo. As expressões de medo das ovelhas, assustadas com os ruídos fantasmagóricos, são lidas pelos ouvintes como: “Expressões de medo” de facto, até porque os ouvintes, sentem-se um pouco como as ovelhas, afinal estiveram expostos aos mesmos estímulos auditivos: a trovoadas, a porta a ranger etc. Há uma espécie de linguagem comum, sentimento comum, compreendidos pelas ovelhas e pelos humanos, neste caso. Os surdos por vezes têm outra leitura. Sem os sons que provocam a ambiência de tensão psicológica e que já constituem por si peças da narrativa, interpretam as expressões de medo das ovelhas como sendo caretas, e riem muito.

Outro sinal que identificámos como diferente e que se revela também no tempo de recreio escolar, é a importância da comunicação física entre os surdos. Chamar a

atenção do outro para uma particularidade humorística implica tocar-lhe, olhar face a face e acentuar gestualmente o que se pretende relevar. Este movimento faz-se a pares, se se comunica com o colega do lado na fila de cadeiras, não se está a comunicar com os outros para quem se está de costas, e isso torna difícil a generalização do Riso e o contágio tão comum entre os ouvintes. Por vezes, os surdos mais distantes do “par comunicante”, apercebendo-se da comunicação em curso, saíam do seu lugar e juntavam-se ao par, olhando e entrando na comunicação, de costas para a tela.

Enquanto comunicam entre si, gesticulando e exprimindo com o rosto, o filme corre e os surdos perdem algumas das cenas que são importantes para a compreensão da história, ou de um aspecto do Humor que exija um acompanhamento mais atento.

O somatório dos tempos de Riso dos surdos é maior do que o dos ouvintes, significando isso que os surdos riram mais. Riram onde se esperava que rissem e também onde não se esperava que o fizessem. Os surdos, algumas vezes, não sentiram a Tensão criada no filme, por estar esta associada a efeitos sonoros que, em crescendo, faziam acumular no espectador emoções mais fortes. cremos que interpretaram de forma alternativa determinadas expressões ou situações, achando engraçados certos momentos, opondo-se à resposta dos ouvintes que não sentiram da mesma forma. O facto de não acumularem Tensão, ouvindo os estímulos sonoros “arrepiantes”, fez com que o Riso dos surdos fosse menos explosivo do que o dos ouvintes, como que confirmando, pela inversa, a Teoria do Alívio. Há vantagens, o surdo pode rir e falar gestualmente em simultâneo.

Há em tudo isto elementos diferenciadores que, se forem tomados como reais, permitem a colocação de questões muito sérias.

Produziremos algumas questões de reflexão propositadamente, evitaremos assim afirmar de modo imprudente:

De que modo é que, o que aqui se pressente tem projecção na realidade da vida do surdo? De que modo isso afectará o seu processo de desenvolvimento? Será que à vista dos ouvintes, os surdos se riem de coisas que não têm graça? De que modo as vocalizações diferentes das crianças surdas parecerão estranhas às crianças que ouvem? Tendo em conta estas duas questões últimas, como serão percebidas as crianças surdas no seio das ouvintes? Como as perceberão os próprios professores e restantes adultos? Que consequências terão as percepções de desvalor que eventualmente se produzam? Será grave que uma parte importante da realidade, aquela dos sons que prenunciam acontecimentos, não seja percebida pelo surdo? Que

consequências isso tem por exemplo, para o entendimento adequado das situações em sociedade? Ter de comunicar "cara a cara", atendendo aos gestos e expressões do outro, perdendo uma percepção mais geral dos acontecimentos à volta, é uma limitação considerável? Será que o surdo responde mais a um Humor simples? Aquele que se faz fora de uma elaboração narrativa prévia? Eventuais dificuldades na compreensão das situações em geral, tornam o surdo mais inseguro? Parecem-nos infinitas as questões a colocar.

Cremos que há um claro desencontro na forma de adquirir os elementos culturais, alguns talvez fundadores, entre surdos e ouvintes. Havendo suspeita da existência de desvantagem para as crianças surdas se não lhes for dada possibilidade idêntica de desenvolvimento, deve estudar-se a matéria a ponto corrigir este estado de coisas.

O nosso estudo, limitado e circunscrito, deixa pistas para novas questões e, talvez possa merecer outro desenho experimental, mais alargado, mais rigoroso, capaz de ditar conclusões finais acerca da importância dos défices nesta área, a do Humor e do Riso e das suas implicações entre as crianças surdas. Se o Humor for um dos mecanismos de base para a socialização, para o desenvolvimento pessoal de aspectos ligados à inteligência e à cultura, se constituir um canal para uma melhor expressão do Ser, é necessário tornar o mais universal possível a sua partilha. Se depende de uma linguagem para que se adquira, nos seus diversos estádios, a ponto de se tornar ponto de contacto comum a todos nós, é importante alterar as regras e dar valor a outros veículos linguísticos, ajustados às diferenças.

A Rita de 8 anos, surda congénita, bem integrada entre as crianças surdas, era companheira indispensável nas brincadeiras de intervalo. Os surdos brincavam à parte das crianças ouvintes como era habitual, entendiam-se melhor. Nos últimos dias notava-se que a Rita andava tensa, ia fazer o implante cóclear e tinha "medo da operação". Falámos disso várias vezes procurando atenuar os receios.

A Rita foi operada. Implantou o aparelho e fez a convalescença com a normalidade esperada. Iniciou os processos de adaptação ao implante e as terapêuticas agora necessárias ao despontar de um novo mundo.

Regressou à escola, celebrámos com alegria a sua vinda, explicou-se o necessário acerca da nova condição da Ritinha e a curiosidade de todos demorou alguns instantes.

No intervalo, no grupo dos surdos, as coisas não estavam iguais. As crianças surdas fazendo sinais à Rita, apontando para o ouvido, diziam que ela agora ouvia, e que deveria ir brincar com os ouvintes...No grupo dos ouvintes, a Rita não sabia brincar e foi ignorada, mal entendida e não foi capaz de se integrar. O tempo que passou não trouxe grandes alterações sociais à vida da Rita.

A operação foi um sucesso.

BIBLIOGRAFIA

Apte, M. L. (1985) . *Humor and Laughter: An Anthropological Approach* . Ithaca, N. Y.: Cornell University Press

Baptista, J. A.(1999). *O Sucesso de Todos na Escola Inclusiva*. Lisboa: Ministério da Educação, Eds.

Bautista, R.(1993). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.

Bispo, M., Couto, A., Clara, M. & Clara, L.(2006). *O Gesto e a palavra*. Lisboa: Caminho

Carmo, H. & Ferreira M. M.(1998). *Metodologia da Investigação, Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Correia, L. M. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. M. (1999). *O Papel da Escola na Transição para a Vida Activa de Alunos com Necessidades Educativas Especiais*. Porto: Porto Editora

Correia, L. & M. (2000). *Uma escola para todos: Atitudes dos professores perante a inclusão*. Porto: Porto Editora

Correia, A. M., L. (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais – Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. M. & G., C. F. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.

Costa, A. M. B .(1996). *A Escola Inclusiva: do Conceito à Prática*. Lisboa: Inovação.

Cró, M. (1998). *Formação Inicial e Contínua de Professores/Educadores – Estratégias de Intervenção*. Porto: Porto Editora.

Darwin, C. (1978). *A origem das espécies*. Porto: Lello & Irmão Eds.

Darwin C. (1972). *The Expression of Emotion in Man and Animals*. London: Murray.

Dawkins, R. (2003) -*O Gene Egoísta*. Lisboa: Gradiva

Duarte, A. (1998). *A Tomada de Decisões na Escola*. Lisboa: Texto Editora.

Fortin, M.-F. (1999). *O processo de investigação – da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

Gil, A. C.(1989). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

- Laborit, Emmanuelle. (1996) *O Grito da Gaivota* . Editorial: Caminho.
- Jones,L.P.G . (1989) *Inside we are equal*. Bristol: Palmer Press
- Kyle ,J. (1991) *Deaf people and minority groups in the UK*. London: London Press.
- Lane, Harlan. (1992) *The Mask of Benevolenc..* New York: Vintage Books.
- Lane, Harlan. (1984) *Quand L'esprit entend, Histoire des Sourds-Muets*, França: Editions Odile Jacob.
- Lane, H. (1992) *The Musk of Benevolence: disablind the deaf community*. NewYork: Alfred Knopl
- Lane , H.(1994) *The cochlear implant controversy*. New York: Vintage Books.
- Lane, H. (1997) *Changes in sound pressure and fundamental frequency contours following change in hearing status*. New York: Vintage Books.
- Hirson, A.(1995) *Human laughter—a forensic phonetic perspective. Studies in Forensic Phonetics*. Berlim: Braun Press
- Leroi, A. M. (2003) *Mutantes*. Lisboa: Gradiva
- Loff, M. (1996) *As Políticas de Construção do Ensino Básico em Portugal, Educação Básica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciência da Educação.
- Luria , A. R (1986) *Pensamento e Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Melo, A. P. (1986) *A Criança Deficiente Auditiva Situações Educativas Em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Morris, D. (1979) *Os gestos*. Lisboa: Europa América.
- Moses, K. L. (1985) *Infant deafness and parental grief: Psychosocial early intervention*. San Diego: Hill-Press.
- Niza, S. (1996). *Necessidades Especiais de Educação: da Exclusão à Inclusão na Escola Comum*. Lisboa: Inovação.
- Padden, C. (1980) *The deaf comm. unity and the culture of deaf people*. Silver Spring: National Association Press.
- Padden C. A. (1990) *Deaf in America: Voices from a Culture*. Cambridge: Harvard University

Provine R. R. (1993) *Laughter punctuates speech: Linguistic, social, and gender contexts of laughter*. Ethology, New York: Viking.

Provine R. R. (2000.). *Laughter: A Scientific Investigation*. New York: Viking.

Provine R. R. (2006) *Laughter among deaf signers*. New York: Viking.

Provine R. R. (1991) *Laughter: A stereotyped human vocalization*, New York: Viking.

Quivy, R. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradiva.

Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ridley, Matt . (2001) *Genoma*. Lisboa: Gradiva.

Rodrigues, David. (2001) *Educação e Diferença: Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*. Colecção Educação Especial, nº7. Porto: Porto Editora.

Salgueiro, E . (1996) Sentir, pensar, aprender. Análise psicológica,1,53-59.

Slater , P. (2001) *Essentials of Animal Behaviour*. Cambridge :University Press

Sousa, L. (1998) *Alunos com necessidades educativas especiais: o que se passa em algumas escolas do 1º ciclo do ensino básico* Set./Jan.,. Lisboa: IIEFP.

Sprinthall, N. A. (1998) *Psicologia Educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Mcgraw-Hill

Sullivan, S. A. (1995). *O almanaque dos pais*, Rio de Janeiro: Imago.

Schlesinger, H.S.(1985) Deafness, mental health, and language. In *Education of the hearing impaired*. San Diego: College-Hill Press.

Vettin J. (2004) *Laughter in conversation: Features of occurrence and acoustic structure*. Cambridge: Harvard University

Vigostsky, L.S. (2000) *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Anexos